

Safe Families Safe Children

Quebrando o ciclo da violência - Construindo um futuro para os mais marginalizados



SafeFamilies
SafeChildren

Editado por JUCONI México
Todos os direitos reservados
México, 2013

Chole Dawe Mathews

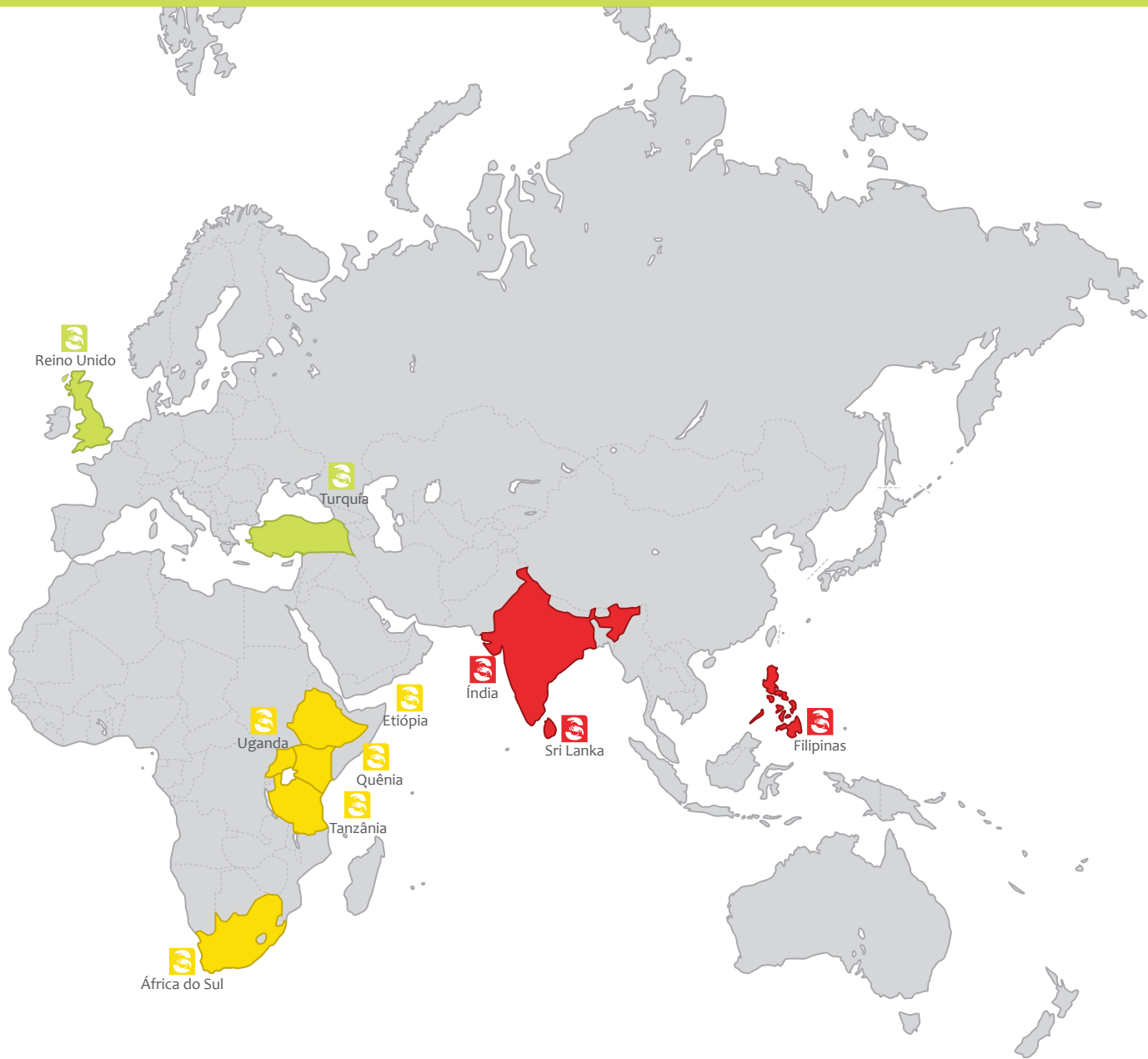




Organizações Participantes do SFSC

ao redor do mundo







Contexto

- 08** A Coalizão Safe Families Safe Children*
- 10** As Crianças mais Marginalizados Provenientes de Famílias Violentas
- 12** Chegando aos mais Marginalizados
- 14** Porque é tão Importante Trabalhar com Estas Crianças?

**Famílias Seguras, Crianças Seguras.*

Estrutura

- 20** Princípios Teóricos
- 22** Estrutura Geral para Trabalhar com Crianças Altamente Marginalizadas provenientes de Famílias Violentas
- 23** Prevenção
- 26 TRABALHO INDIVIDUAL**
 - *Entrada no Programa*
 - Apego
 - Processamento
 - Aplicação da Aprendizagem (pela experiência)
- 38 TRABALHO COM A FAMÍLIA**
 - Apego
 - Processamento
 - Aplicação da Aprendizagem (pela experiência)
 - Graduando do Programa



Gerrie Smit



Daniela Plaza



Florian Kopp

Características do Programa

- 50** Características-chave dos Programas utilizando a Estratégia do SFSC
- 52** Características dos Educadores Sociais utilizando a Estratégia do SFSC
- 54** Ações Recomendadas para Apoiar este Trabalho

Contatos e Referencias

- 60** Contatos
- 62** Referencias e Bibliografia

Contexto

“

Por mais de 20 anos, os membros da SFSC vêm trabalhando com crianças em situação de vulnerabilidade social - crianças que abandonam ou não são alcançadas pela prestação de serviços públicos ou de organizações não governamentais.

”





Marcus Lyon

Coalizão SFSC



Chloe Dewe Mathews

A Coalização SFSC é composta por um grupo internacional de organizações renomadas, que trabalham numa perspectiva global em pesquisa, desenvolvimento e implementação de metodologias eficazes e efetivas como objetivo de propiciar às crianças mais marginalizadas o acesso sustentável a seus direitos e o atendimento adequado de suas necessidades de desenvolvimento, incluídas nestas necessidades emocionais e de relacionamento, que mais diretamente afetam sua capacidade de resiliência e qualidades a conquistar em suas vidas futuras.

Nossas organizações participantes são:



Brasil

Representada por Jonathan Hannay



Uruguai

Representada por Mariela Solari



Equador

Representada por Sylvia Reyes



Fundación JUCONI, A.C.
JUNTO CON LAS NIÑAS Y LOS NIÑOS

México

Representada por Alison Lane



Turquia

Representada por Ozden Bademci



África do Sul

Representada por Gerrie Smit



Reino Unido, Índia, Quênia, Tanzânia

Representada por Andy McCullough



Brasil

Representado por Yusaku Soussumi e Flavio Stadnik



Uganda, Etiópia e Quênia

Representada por Diarmuid O'Neill



África do Sul, Equador, Filipinas, Índia, México e Sri Lanka

Representada por Amber Wilson

Os membros da Coalizão SFSC implementam uma série de programas para crianças de rua e as mais altamente marginalizadas, que incluem atividades educacionais e terapêuticas, centros comunitários, serviços de rua, facilidades de abrigo de diversas modalidades, visitas em locais de domicílio e acesso a uma rede comunitária de serviços. Embora esses programas e atividades variem, há princípios comuns e uma intenção compartilhada no trabalho desse grupo que serão apresentados neste livro.

O objetivo desta publicação é oferecer uma estratégia geral de trabalho destinada a crianças e famílias em situação de risco, vítimas da violência doméstica. A intenção não é ter um alcance abrangente e

profunda nem oferecer um manual de operação. Antes, esperamos poder descrever como essa estratégia funciona na prática e estimular a reflexão e a discussão de temas críticos relacionados à inclusão efetiva de crianças altamente marginalizadas e à solução do problema da transmissão transgeracional da violência familiar.

Agradecimentos:

Este livro foi desenvolvido pelos membros do SFSC. Gostaríamos de registrar nosso reconhecimento e agradecer a todos os membros das nossas organizações pelo árduo trabalho e sabedoria que for-

mam a base desta publicação. Somos sinceramente agradecidos a Peter Fraenkel pelas suas considerações sobre um primeiro esboço das ideias aqui apresentadas. As organizações Juconi gostariam de agradecer às seguintes pessoas pela importância que tiveram no desenvolvimento de sua metodologia ao longo dos anos: Dra. Gianna Williams, Dra. Janine Roberts, Dra. Eliana Gil e Dra. Sandra Bloom MD.

Gostaríamos de agradecer também a Helena Wygard, sem cuja coordenação e competência esta publicação não teria sido possível, a Alex Pearce, pela sua paciência e habilidade em reunir e organizar a informação, e a David Luhnnow, pela cuidadosa edição.

Esta publicação foi produzida com o apoio da Comunidade Européia.

Por que essas crianças e famílias não se beneficiam da prestação dos serviços existentes?

Durante mais de 20 anos, SFSC vem trabalhando com crianças em situação de risco e de vulnerabilidade social: crianças que abandonam ou não são alcançadas pela prestação de serviços públicos ou de organizações não governamentais. A maioria das organizações do SFSC atende principalmente crianças que vivem ou trabalham na rua (crianças em situação de risco com envolvimento com as ruas); essa experiência mostra que uma vida familiar violenta contribui significativamente para as crianças abandonarem suas casas e estarem na rua. Por isso, o público abordado neste livro é definido como de crianças em situação de risco mais marginalizadas oriundas de famílias violentas.



As crianças cujas relações precoces são caracterizadas pela violência, frequentemente, desenvolvem comportamentos adaptativos disfuncionais. Tais comportamentos acabam gerando a marginalização repetida de atividades em grupo, incluindo a escola. Essa experiência de marginalização, por sua vez, pode levar a situações negativas de vida futura, como o abuso de drogas e o envolvimento com a criminalidade. A pobreza pode agravar ainda mais as experiências de marginalidade e limitar as possibilidades de mudar a vida futura. Assim, essas crianças têm de enfrentar três espirais descendentes, que se retroalimentam mutuamente.

ESTUDO DE CASO



Os pais de Ricardo morreram em situações violentas: o pai, quando ele tinha 18 meses, e a mãe, um ano depois. Ele e seus dois irmãos, de um e seis anos, foram morar com os avós e uma tia numa vila distante.

Ricardo entrou na escola aos seis anos e seu professor se lembra de que ele se parecia com qualquer outro garoto. No ano seguinte, sua tia se casou e se mudou, levando consigo o irmão caçula de Ricardo e deixando-o com seu irmão mais velho na casa dos avós. Logo o professor começou a observar mudanças. Ricardo andava triste e arredio e cada vez mais indiferente. Quando solicitado a melhorar seu desempenho na escola, tinha ataques de fúria. Não progredia na escola e começou a se isolar. Ficava vagando pela vila, apesar dos espancamentos que sofria por não ir à escola. Aos nove anos, parou de voltar para casa e passou a viver na rua, indo de uma vila para outra. Numa delas, foi acolhido pelo padreiro do lugar, que o descreveu como educado e até mesmo com certo encanto, embora sentisse que havia alguma coisa errada com ele. O padreiro e sua esposa não conseguiam estabelecer contato com Ricardo e começaram a receber reclamações de donos de lojas sobre furtos. Quando eles próprios foram furtados por Ricardo, mandaram-no embora. À época em que uma organização membro do SFSC entrou em contato com Ricardo, então com onze anos, ele era indiferente em relação a si próprio e aos outros, inacessível do ponto de vista emocional e propenso a explosões violentas, às vezes atacando fisicamente aqueles que tentavam aproximar-se.

Violência: Essas crianças e suas famílias estão aprisionadas em ciclos de violência, em que a experiência traumática da violência (física, emocional e sexual, incluindo a negligência extrema) leva tanto a uma vida sem perspectiva quanto a comportamentos que tornam a violência mais provável no futuro. Estudos neurocientíficos mostram que abuso e negligência na infância afetam o desenvolvimento emocional e cognitivo, levando a comportamentos que prejudicam a interação social positiva. Está comprovado que a violência doméstica pode ser transmitida através das gerações, de forma que crianças que crescem em ambientes domésticos violentos quase sempre recriam o mesmo ambiente doméstico violento para seus filhos, repetindo a própria experiência. A experiência de abuso na infância tem sido fortemente relacionada ao futuro envolvimento com a violência fora de casa.

Exclusão: Essas crianças também ficam aprisionadas em ciclos de exclusão social, por meio dos quais repetidamente abandonam ou são expulsas de serviços assistenciais e do emprego, o que só faz aumentar sua vulnerabilidade e reduzir ainda mais sua capacidade de fazer escolhas positivas construtivas de longo prazo. Embora haja muitas causas para a exclusão social, incluindo fatores como gênero e etnia, esse grupo de crianças se torna excluído em virtude de seu comportamento — e sua experiência em um lar violento contribui para dificuldades de aprendizagem e comportamentos de enfrentamento disfuncionais, como agressão, delinquência ou criminalidade, promiss-

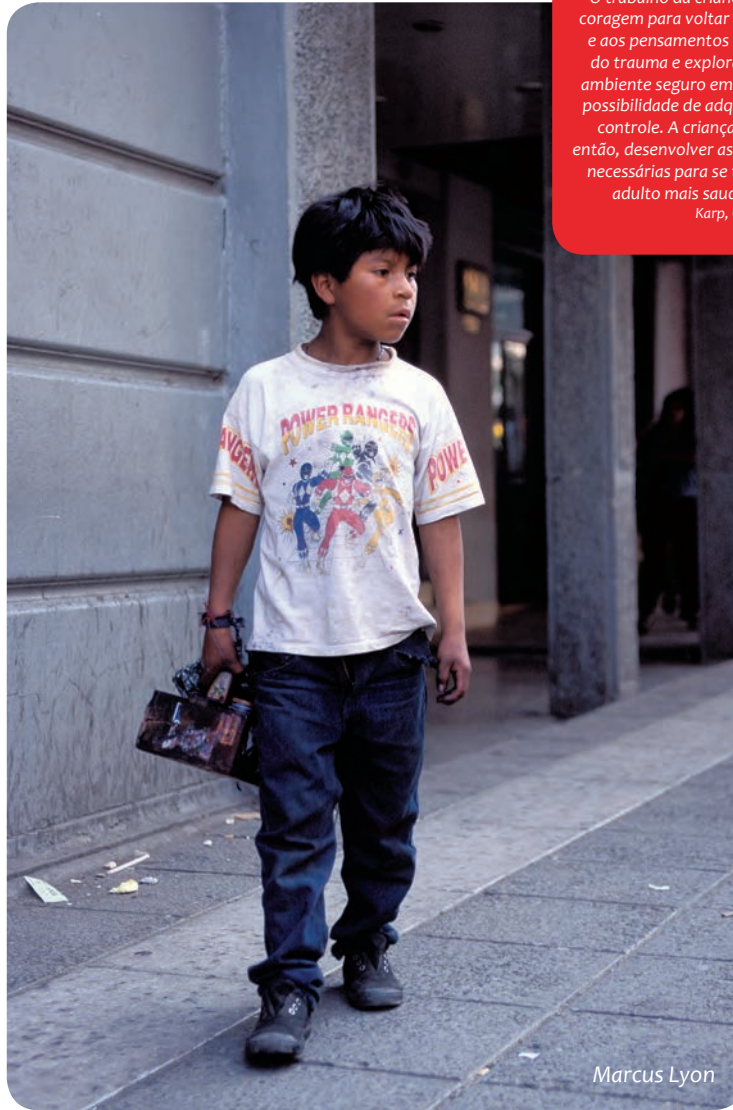
cuidade sexual ou isolamento. Isso às vezes limita a possibilidade de ter acesso aos serviços de ajuda disponíveis e normalmente termina em resultados negativos para a vida, tais como entrar na criminalidade, envolver-se em conflitos de rua e participar em gangues.

Pobreza: Nosso foco está em crianças que vivem em situação de extrema pobreza, uma condição que favorece o aumento da violência no lar e diminui a capacidade da família de buscar ajuda. Como enfatizado acima, os comportamentos desenvolvidos em função das experiências violentas vivenciadas no lar nas relações familiares dificultam a participação na sociedade em geral, abortando oportunidades de vivenciar experiências positivas de vida como educação e emprego seguro, contribuindo, assim, para perpetuar os ciclos de pobreza.



As crianças mais marginalizadas oriundas de famílias violentas

Alcançando OS MAIS MARGINALIZADOS



“O trabalho da criança é buscar coragem para voltar às imagens e aos pensamentos dolorosos do trauma e explorá-los num ambiente seguro em que exista possibilidade de adquirir maior controle. A criança precisa, então, desenvolver as habilidades necessárias para se tornar um adulto mais saudável.”

Karp, C. L. & Butler¹

Marcus Lyon

A estratégia apresentada neste livro baseia-se em dois elementos essenciais para alcançar as crianças mais excluídas oriundas de famílias violentas e ajudá-las a escapar dos ciclos de violência, exclusão e pobreza.

1. Ajuda terapêutica continuada

É vital abordar tanto necessidades emocionais quanto outras necessidades. Nesta publicação, entende-se por necessidades emocionais aquelas relacionadas à construção do sentido de quem eu sou e de quem são os outros. Necessidades emocionais básicas incluem necessidades relacionadas ao estabelecimento de vínculos afetivos de longo prazo, no sentido de ser cuidado e de ter um adulto capaz de ajudar a criança a lidar com seus sentimentos e impulsos num nível adequado a seu estágio de desenvolvimento. Este livro distingue entre atender essas necessidades emocionais e necessidades predominantemente físicas (de abrigo, nutrição, cuidados de saúde e alívio da pobreza ou necessidades de desenvolvimento associadas à aprendizagem). Nossa experiência mostra que no trabalho com crianças altamente excluídas a atenção significativa tem sido dada às suas necessidades físicas e de aprendizagem, mas pouca às necessidades emocionais.

Crianças que vivem em famílias violentas demandam atenção às suas necessidades emocionais, tanto para ajudar na sua recuperação emocional quanto para construir resiliência interna e a capacidade de lidar com os relacionamentos de forma diferente no futuro. Além de colocar um ponto final nos relacionamentos violentos, também é necessário tratar os prejuízos causados por essa violência, visto que os efeitos traumáticos das vivências violentas normalmente são mais duradouros do que os próprios eventos violentos. Criar uma base de bem-estar emocional tanto para os filhos quanto para os pais é um elemento decisivo para a conquista de uma mudança consolidada e significativa para essas crianças cujas experiências pessoais interferiram no seu desenvolvimento emocional saudável.

Assim deve haver uma finalidade terapêutica nos serviços que lhes são destinados. Por “terapêutico” entendem-se intervenções, respostas e estratégias que têm por objetivo específico ajudar pais e filhos a elaborar suas vivências, desenvolver autoestima e bem-estar emocional e construir relacionamentos saudáveis, de modo a capacitá-los a reajustar suas respostas ao estresse e substituir estratégias de enfrentamento prejudiciais por escolhas mais positivas.

2. Trabalho centrado na família

“Se uma sociedade valoriza suas crianças, ela deve cuidar de seus pais.”
John Bowlby²

Para criar mudanças consolidadas, uma rede de apoio funcional e positivo deve ser desenvolvida em torno da criança. Essa rede, que inclui, mas não é constituída exclusivamente pela família, deve propiciar à criança a vivência de experiências e respostas que permitam à criança o desenvolvimento da resiliência pessoal e que ajudem a garantir a mudança positiva sustentável. Nos casos em que a criança não possui família, esse suporte pode ser dado por um adulto capaz de prover amparo durante um determinado período crítico de vulnerabilidade. Quando se cria um ambiente familiar construtivo, no qual as relações e os vínculos são carinhosos e protetores, o impacto é poderoso e extraordinário. Para crianças e famílias altamente excluídas, a visitação familiar e domiciliar é a estratégia mais eficaz para alcançar um resultado positivo, à medida que elas conseguem superar as barreiras de acesso a serviços (decisivo para atingir os mais excluídos) e a intervenção acaba acontecendo no lugar e no momento em que o problema ocorre. Programas de visitas domiciliares também têm se mostrado altamente eficazes na redução da violência no lar³. Mais do que trabalhar com apenas uma criança, trabalhar com toda a família para acabar com a violência é a chave para promover a quebra permanente de ciclos transgeracionais no lar.

“Amparar famílias e comunidades para que elas possam cuidar de suas próprias crianças pode parecer mais complicado no curto prazo. Mas em longo prazo produz enormes dividendos. Não só as crianças se tornam mais capazes de lutar e de se tornarem melhores pais, mas se tornam mais capazes de contribuir para o desenvolvimento de suas próprias comunidades e de seu país.” Save the Children UK⁴

Por que é tão importante trabalhar com essas crianças?

1. Impacto potencial de não se trabalhar com essas crianças e famílias

É essencial que governo e patrocinadores invistam nas crianças mais difíceis de serem trabalhadas. Embora pareça complexo intervir na solução dos problemas que essas crianças enfrentam, o prejuízo exponencial causado por deixá-las aprisionadas em ciclos de violência, exclusão e pobreza torna essa intervenção não apenas um imperativo moral mas também social e econômico, no sentido de promover as soluções necessárias.

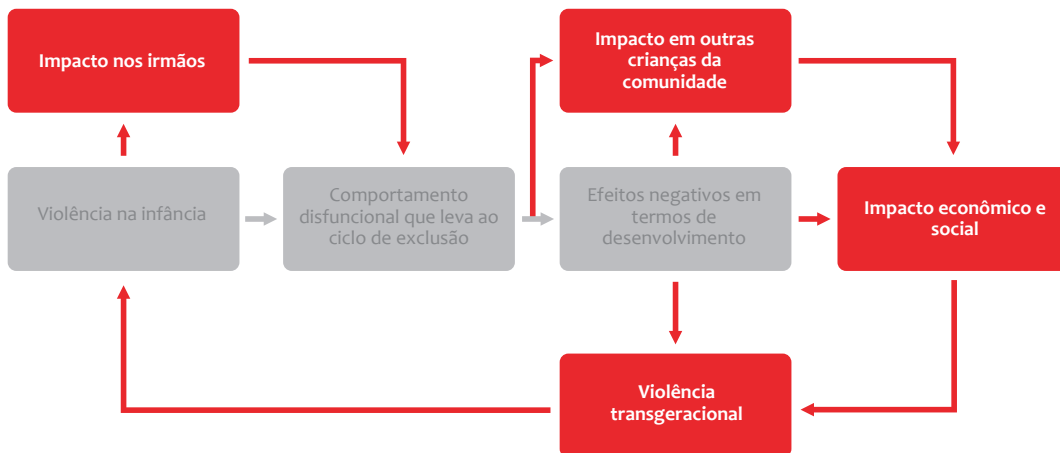
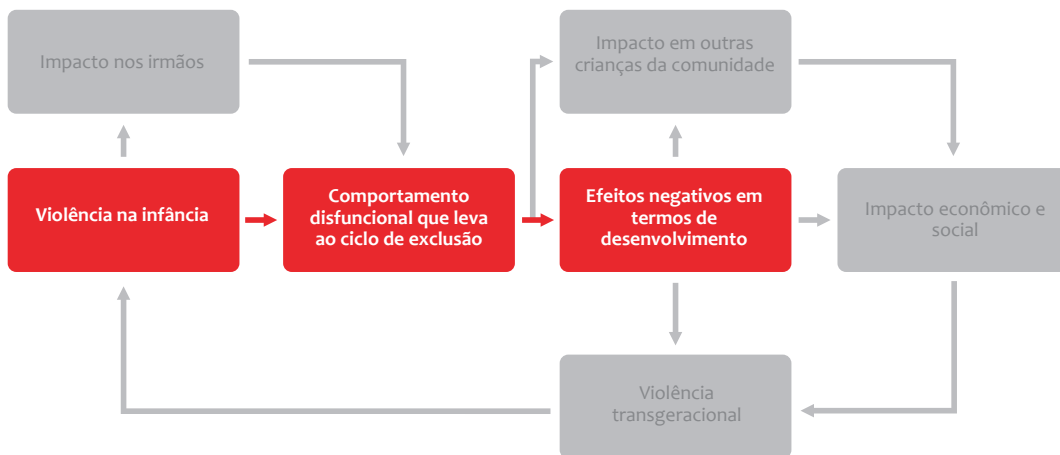
No nível do indivíduo, a relação entre violência na infância e distúrbios de desenvolvimento é hoje irrefutável. The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study ⁵ encontrou uma ligação convincente entre experiências adversas na infância (incluindo abuso físico, emocional e sexual e vida em ambientes domésticos violentos) e uma série de problemas físicos, emocionais e sociais, incluindo doenças cardíacas, obesidade, depressão, alcoolismo, promiscuidade sexual, abuso de substâncias, gravidez na adolescência, estupro e mau desempenho profissional. O estudo concluiu que experiências traumáticas na infância determinam a probabilidade das 10 causas mais comuns de morte nos Estados Unidos. Um estudo na África Ocidental mostrou que a exposição repetida à violência doméstica severa leva a comportamentos de alto risco, como o envolvimento com a vida de rua, comércio sexual e tráfico de crianças.⁶

No nível da sociedade, a relação entre violência no lar e violência social é clara. A experiência traumática da violência no lar pode levar as crianças a criar uma barreira contra seus sentimentos de dor, medo e desamparo — o que pode resultar num perfil de se fazer de forte, desafiador, provocador e agressivo, numa inabilidade para cuidar de si mesmos e inúmeros outros comportamentos disfuncionais. Es-

ses comportamentos acarretam exclusão da escola, de espaços de lazer e de outras atividades comunitárias. As crianças, então, podem buscar satisfazer suas necessidades de pertencer a esses espaços e de participar dessas atividades mediante a participação naquilo que lhes é acessível, como o envolvimento em gangues, promiscuidade, drogadicção e crime. Nesse sentido, a violência é transmitida do lar para a comunidade. As consequências para a estabilidade social de uma criança que se torna um adulto agressivo, disfuncional, são claras. Um estudo do Reino Unido mostrou que 72% das crianças que cometeram homicídio ou outra espécie de crime normalmente violento foram vítimas de abuso.⁷ Nos Estados Unidos, os custos anuais diretos e indiretos associados a maus tratos na infância foram estimados em 94 bilhões de dólares, destacando-se como fator mais evidente a criminalidade adulta associada à experiência de abuso na infância.⁸

2. Efeitos transgeracionais

Além do impacto negativo, de efeito exponencial, de não ajudar essas crianças, o impacto positivo, de efeito também exponencial, de investir nelas deve também ser igualmente considerado. Dada a natureza transgeracional da violência doméstica, o investimento de longo prazo na solução da violência e de seu impacto na geração atual é um meio mais eficaz e de melhor custo-benefício para garantir que as gerações futuras de uma mesma família participem de forma construtiva em suas comunidades. Dessa forma, o efeito multiplicador de se investir numa família “agora” tem um efeito de vida imensamente positivo.



A situação para a criança:

A experiência da violência nas relações familiares próximas durante a infância pode conduzir a comportamentos agressivos e violentos e a outros comportamentos disfuncionais que inviabilizam a participação em atividades em grupo. O fato de as crianças serem repetidamente excluídas empurra-as para escolhas negativas de vida. O Adverse Childhood Experiences (ACE) Study ilustra essa situação pela relação direta encontrada entre experiências adversas na infância e problemas de saúde física e mental, promiscuidade sexual, drogadicção, gravidez na adolescência, estupro e desempenho profissional insatisfatório.

O impacto para os outros:

O impacto de não ajudar uma criança nessa situação pode ser exponencial.

- Os irmãos provavelmente terão de enfrentar os mesmos riscos.
- Outras crianças que participam de atividades em grupo, como na escola, por exemplo, sofrem o impacto do comportamento disfuncional de crianças que participam das mesmas atividades.
- Quando essas crianças vão formar suas próprias famílias, o que frequentemente acontece numa idade precoce, aumenta a probabilidade de elas repetirem comportamentos violentos com seus próprios filhos.
- Violência na infância tem um alto impacto social e econômico — o custo de maus tratos na infância nos Estados Unidos foi estimado em 94 bilhões de dólares americanos ao ano.

Por que é tão importante trabalhar com essas crianças?

The Adverse Childhood Experiences Study⁹ realizado nos Estados Unidos com mais de 16 mil pessoas, é o maior estudo de pesquisa científica dessa espécie e analisa a relação entre diversas categorias de trauma infantil (ACES) e consequências futuras na vida em termos de comportamento e saúde.

A vivência de qualquer uma das seguintes condições antes dos 18 anos constitui uma experiência adversa:

Categorias de experiência adversa, segundo o ACE Study

1. Abuso físico recorrente
2. Abuso emocional recorrente
3. Abuso por contato sexual
4. Um alcoólatra ou drogadicto na família
5. Um membro da família que está na prisão
6. Alguém da família que é deprimido crônico, doente mental, em instituição psiquiátrica, ou suicida
7. Mãe que é tratada com violência
8. Sem pai ou mãe ou sem pai e mãe
9. Negligência emocional ou física

No estudo, a exposição a qualquer categoria de experiência adversa na infância conta um ponto na tabela; o número de categorias de experiência adversa na infância é então computado. A Tabela ACE varia, assim, de zero a 9. O estudo demonstrou a correlação entre experiências adversas na infância e o risco de problemas de saúde na vida futura como alcoolismo, depressão, consumo de drogas ilícitas,

gravidade na adolescência, doença cardíaca e hepática, dentre outros. O estudo também mostrou um impacto cumulativo em caso de exposições múltiplas: quanto maior a pontuação na tabela, maior o risco de problemas de saúde, e o nível de risco físico e social da adolescência à vida adulta.

Comparado a uma pessoa que tenha pontuação zero na Tabela ACE, um indivíduo com pontuação 4 apresenta um risco aumentado de 4-12 vezes maior para os problemas referidos acima, da seguinte forma:

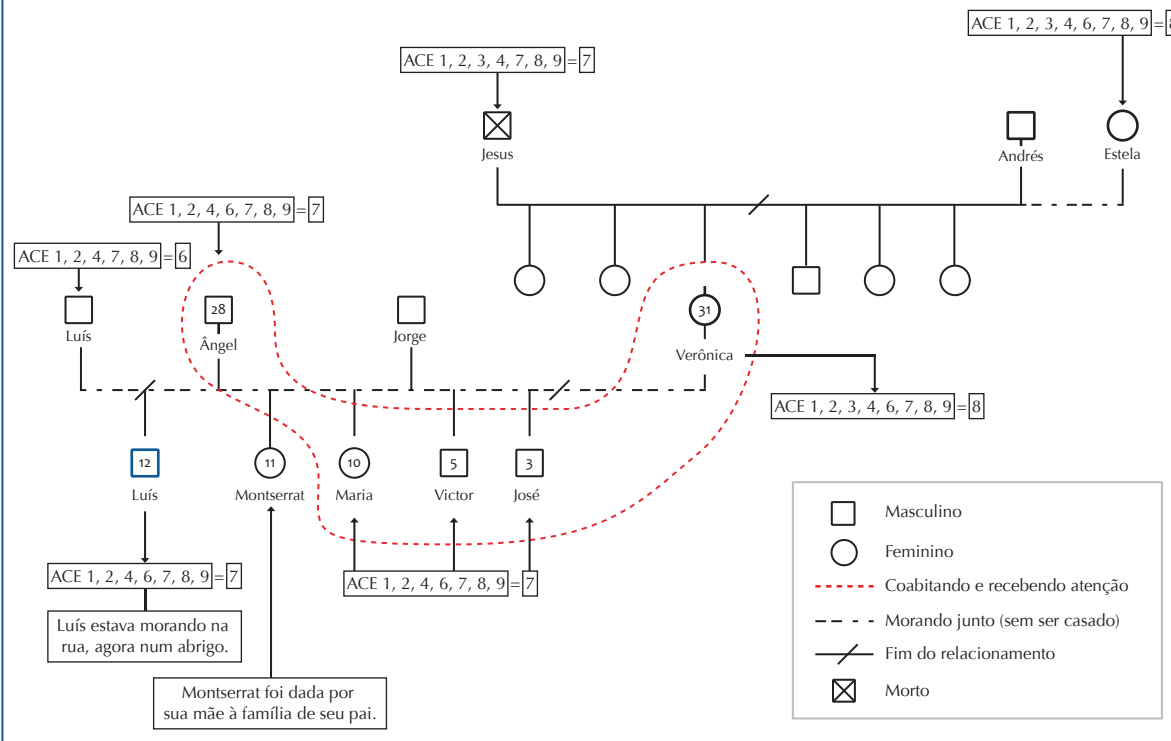
- 260% maior probabilidade de contrair uma grave doença, como obstrução pulmonar crônica;
- 250% maior probabilidade de contrair uma doença sexualmente transmissível;
- 460% maior probabilidade de apresentar depressão;
- 1.220% maior probabilidade de tentar suicídio.

Comparado a um homem com pontuação zero na Tabela, um homem com pontuação 6 tinha um aumento de 4,600% na probabilidade de se tornar dependente de drogas injetáveis.

A presença de uma única categoria de experiência adversa indicava que havia 87% de probabilidade de outra categoria também estar presente.

A similaridade entre as estimativas do ACE Study e aquelas apresentadas por estudos baseados na população geral levou os pesquisadores da ACE a concluir que seus achados eram aplicáveis a outros cenários. A experiência dos membros da Safe Families Safe Children contribuiu para endossar essas conclusões.

Família González



Esse genograma parcial mostra três gerações da família González: na linha de baixo estão as crianças; na linha de cima, seus pais (vê-se que as crianças têm pais diferentes), e, acima de sua mãe e de seus irmãos, estão os avós maternos das crianças. Os membros da família que moram junto e recebem atenção estão incluídos no pontilhado vermelho.

Um genograma é um meio útil de representar graficamente as relações familiares de um indivíduo, a qualidade das relações com os membros da família, eventos e experiências de vida significativos. O processo de construir um genograma e distribuir visualmente a informação de modo a representar o contexto familiar, dá uma visão mais abrangente e pode ajudar cada um dos envolvidos — membros da família e educadores sociais — a identificar relações e padrões de comportamento.

Esse genograma foi condensado para enfatizar as experiências adversas sofridas de forma repetida pelas sucessivas gerações dessa família. Nele aparecem as categorias usadas no Adverse Childhood Experiences Study, apresentadas ao lado, para mostrar os tipos de violência experimentados por diferentes membros da família e os fatores de risco tipicamente presentes através das gerações. As diferentes categorias de experiência adversa estão listadas no box próximo a cada indivíduo com a respectiva pontuação na Tabela ACE indicada no fim da lista.

Estrutura

“

O diagrama composto de dois triângulos (p. 24) que nós usamos como estrutura deste livro foi desenvolvido pela JUCONI, do Equador, com base na experiência de trabalho com crianças de rua e suas famílias em Guayaquil, desde 1995, e foi utilizado tanto pela JUCONI do Equador quanto pela JUCONI do México de acordo com os contextos locais.

”





Princípios

TEÓRICOS ¹⁰

Veja referência ¹⁰ para maiores referências e bibliografia

“As crianças precisam de cuidado afetivo coerente, sensível e responsivo — algo que é tão importante quanto a necessidade de alimentação. Assim, enquanto grande somas de dinheiro são necessárias para fazer frente às necessidades das crianças em termos de alimento, abrigo e imunização contra a ameaça de doenças, fundos e recursos também devem ser investidos na educação de pais, professores e funcionários públicos em relação à importância imediata e de longo prazo de atender as necessidades das crianças por vínculos seguros nos seus relacionamentos com os pais ou seus parentes cuidadores”¹²

A metodologia do Safe Families Safe Children está apoiada na Teoria do Apego (Attachment Theory), que tem como foco a ajuda que deve ser dada às crianças e suas famílias para que possam desenvolver a resiliência pessoal e conquistar objetivos positivos.



Alejandra Dávila e Rocío Jaramillo

“Vínculos seguros são uma defesa primária contra o desenvolvimento de psicopatologias graves associadas à adversidade e ao trauma.”

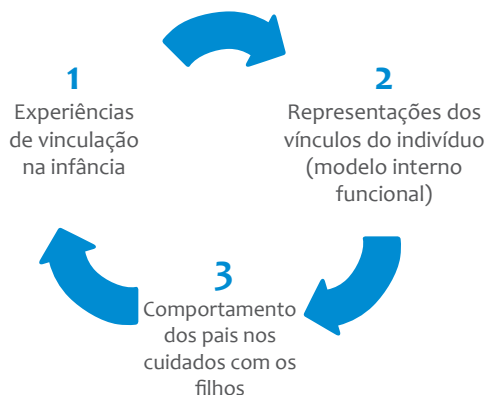
Levy e Orlans¹¹

Segundo essa teoria, a palavra apego (ou vínculo) refere-se à relação entre duas pessoas que as unem emocionalmente de forma duradoura. Se o vínculo é seguro, ele forma a base para a construção de um sentido interno de segurança que permite à pessoa desenvolver relacionamentos positivos e duradouros. Esse sentido interno de segurança permite aos indivíduos tornarem-se independentes nas suas escolhas de vida, visto que essa segurança lhes dá autoconfiança e discernimento para tomar decisões positivas com autonomia. Também lhes dá maior resiliência emocional para suportar vivências adversas e estressantes mais tarde na vida adulta.

Nem todos os vínculos, no entanto, são positivos. Vínculos que não são completamente seguros ou positivos são caracterizados como inseguros e comumente classificados em três tipos: ambivalente, evitativo ou

desorganizado, dependendo da qualidade da relação estabelecida entre mãe (cuidador) e filho. Um vínculo desorganizado pode comprometer a capacidade de formar vinculações positivas e afirmativas e de desenvolver habilidades para a tomada de decisões de forma independente e funcional.

Formulada pela primeira vez por John Bowlby nos anos 1950, a Teoria do Apego (Attachment Theory), tem sido desenvolvida, modificada e testada ao longo dos anos com o objetivo de prover um retrato que permita entender o desenvolvimento infantil. Pesquisas baseadas nessa teoria têm demonstrado o impacto que a qualidade do vínculo exerce sobre o desenvolvimento neuropsicológico, emocional, cognitivo e social das crianças ao longo da vida.



No âmbito da Teoria do Apego (Attachment Theory), a qualidade da relação que os pais têm com os filhos é vital. A natureza das interações da criança com seus pais e o sentido que ela atribui a essas experiências levam ao desenvolvimento de um padrão interno de referência que a criança usa para entender as situações sociais e para se relacionar com o mundo externo.

Em resumo, o tipo de relação que os pais estabeleceram com os filhos irá determinar o modo pelo qual as crianças se relacionam com os outros e o modo pelo qual elas percebem que os outros se relacionam com elas.

No caso de um vínculo desorganizado entre mãe e filho, uma relação segura pode ajudar a contrapor-se ao padrão interno de relação construído precocemente pela criança. Essa experiência de um vínculo seguro pode ser propiciada à criança por uma relação pessoal ou por uma relação terapêutica. Quanto mais antigo e duradouro o padrão interno de relação que uma pessoa tenha estabelecido, mais arraigado ele será.

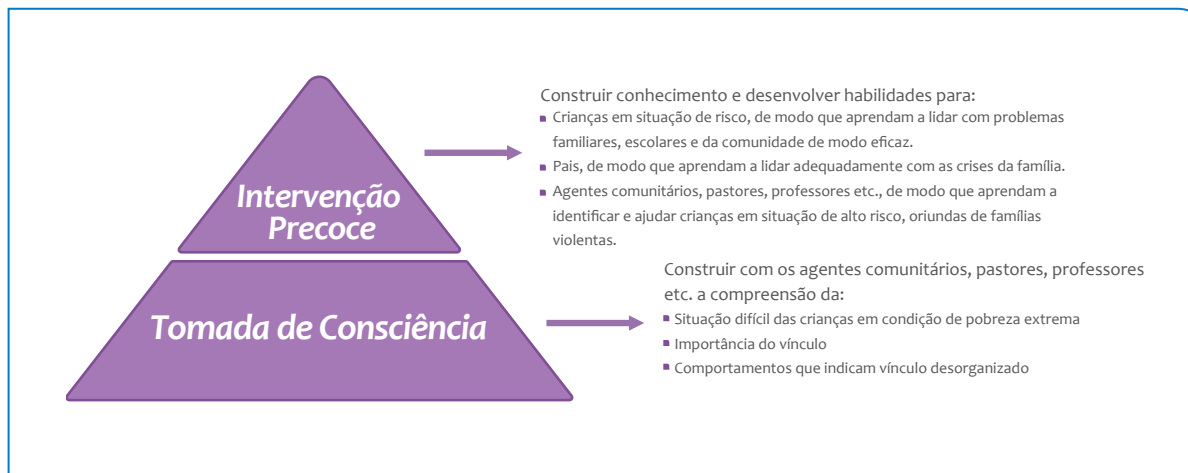
No âmbito do modelo descrito nas seções seguintes, a tarefa mais importante do educador social é proporcionar uma vivência de vínculo seguro para pais e filhos, que lhes permita desenvolver um novo padrão interno de relação, capacitando-os a relacionar-se entre si de forma diferente, a deixar para trás os traumas do passado e a viver mais integralmente o presente.

Estrutura Geral para Trabalhar

COM CRIANÇAS ALTAMENTE EXCLUÍDAS, ORIUNDAS DE FAMÍLIAS VIOLENTAS



1. Prevenção



O triângulo representa uma estratégia geral de prevenção (intervenção seletiva¹³) usada nas comunidades nas quais trabalham os membros da SFSC. Essa estratégia inclui um trabalho educacional e de treinamento com diferentes grupos nas comunidades para ajudá-los a adequar a forma pela qual eles interagem e ajudam as crianças e suas famílias. O trabalho busca produzir efeitos positivos na vida de todas as crianças, mas principalmente impedir que crianças em situação de alto risco, que convivem com a violência no lar, abandonem os serviços oferecidos pela comunidade.

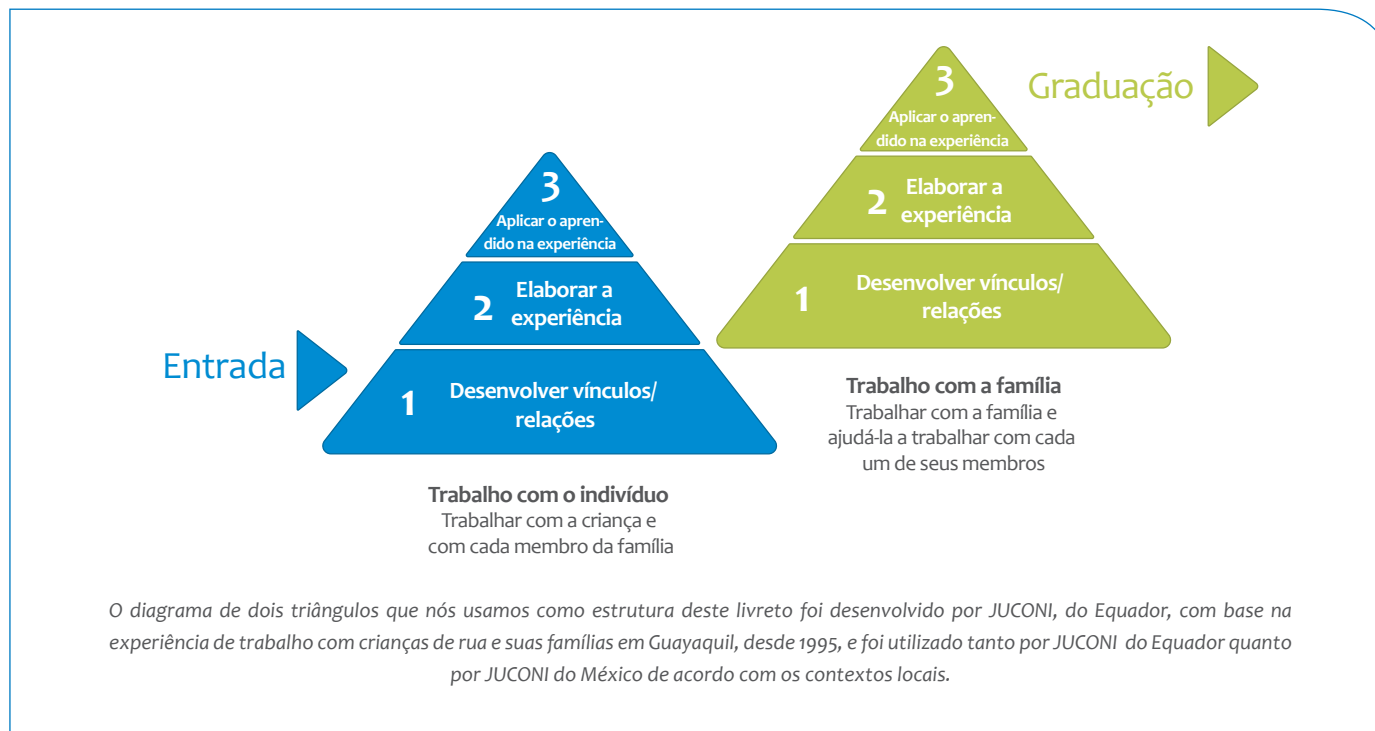
Tomada de Consciência: No âmbito de uma comunidade violenta, os membros do SFSC trabalham com agentes-chave — como professores, pais, agentes de serviços de saúde e de outros serviços — de forma a lhes permitir a tomada de consciência em relação ao impacto da pobreza e da violência sobre a vida dessas crianças e a aumentar a compreensão dos obstáculos e dificuldades que elas enfrentam para ter acesso aos seus direitos.

Intervenção Precoce: É importante que programas destinados a crianças em situação de vulnerabilidade social sejam conduzidos por pessoas com sensibilidade e habilidades necessárias para estimular e apoiar as crianças

mais excluídas, ajudando-as e as suas famílias a manter a participação. Os grupos comunitários mais bem posicionados ou mais interessados em promover mudança recebem treinamentos especializados. Um exemplo: professores são treinados para identificar crianças em situação de altíssimo risco submetidas à violência familiar e compreender comportamentos típicos resultantes de maus tratos. Técnicas para maximizar a participação das crianças são compartilhadas; pais e professores trabalham juntos na abordagem das dificuldades que as crianças podem estar enfrentando na escola. Oficinas devem propiciar: o desenvolvimento de habilidades nos pais; técnicas de resolução de conflitos; planejamento de ação comunitária; ajuda às famílias em crise; o envolvimento dos pais na escola e a escola como peça-chave na comunidade.

Para algumas crianças e suas famílias, no entanto, esse tipo de ajuda não impedirá que abandonem os serviços. Por isso, um processo de atendimento personalizado é necessário, para fazê-las aderir e se desenvolver (apresentado nos triângulos subsequentes). Essa estratégia geral de prevenção permite identificar crianças e famílias cujas circunstâncias extremas exigem um nível intensivo de trabalho, explicitado nos triângulos a seguir.

2. Estrutura geral: intervenção intensiva centrada na família dentro do domicílio



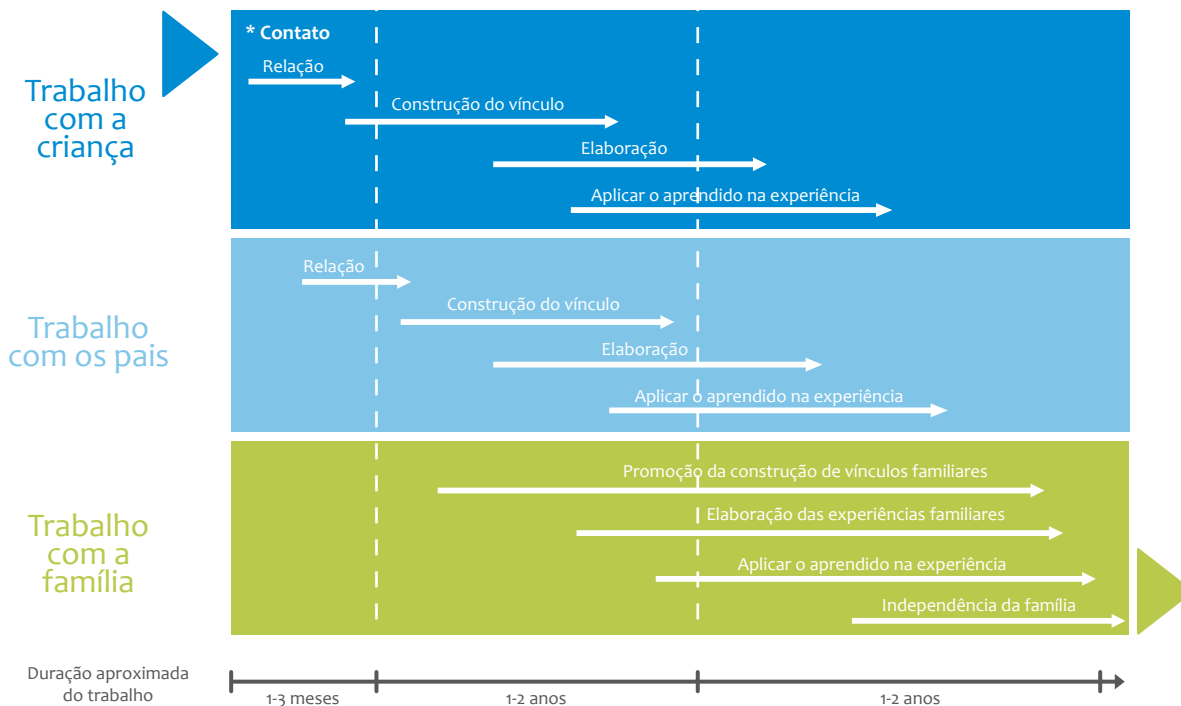
O trabalho intensivo centrado na família é concebido como uma intervenção orientada (Intervenções Indicadas¹⁴), já que as famílias que necessitam desse tipo de atendimento apresentam trauma transgeracional, resultado de situações extremas de marginalização, abuso e violência.

Um vínculo desorganizado entre pais e filhos irá determinar o modo pelo qual essas crianças irão cuidar de seus próprios filhos no futuro. Essa abordagem foi desenhada para trabalhar numa perspectiva preventiva e terapêutica, com o objetivo de construir uma experiência sustentada de vínculo positivo, que permita seja desenvolvida uma relação afetiva melhor. Embora esse modelo exija contato intensivo, é importante notar

que ele foi concebido para contextos de países em desenvolvimento e é implementado com sucesso em cenários de recursos limitados por equipes “para-profissionais”, treinadas dentro das próprias organizações. Esse método trabalha a partir do pressuposto de que vínculos desorganizados são a causa profunda da vulnerabilidade para muitos grupos de crianças em situação de alto risco, encontrados em programas não governamentais de defesa dos direitos das crianças pelo mundo. A experiência das organizações que compõem a coalizão SFSC e a experiência das muitas organizações parceiras atestam que as crianças abandonam os programas, ou não conseguem apresentar progresso, apesar de seu envolvimento, se as causas mais subjacentes e básicas do comportamento sintomático não forem atacadas.

Linha do Tempo Aproximada

Não se trata de um progresso completamente linear, visto que alguns estágios continuarão a ser importantes, mesmo que o estágio seguinte já tenha começado. A linha do tempo abaixo oferece uma indicação aproximada do tempo que cada estágio deve durar e da sequência usual de estágios.



As seções seguintes detalham cada estágio do processo representado nos dois triângulos, indicando os objetivos e as respostas possíveis em cada estágio e destacando a intenção por trás de cada intervenção.

TRABALHO COM O INDIVÍDUO

“

Este trabalho começa com a construção de um vínculo seguro e protetor com cada membro da família, pais e filhos, como indivíduo. Essa experiência do vínculo sustenta todo o processo de empoderamento para pais e filhos

”





Entrada NO PROGRAMA



Técnicas úteis

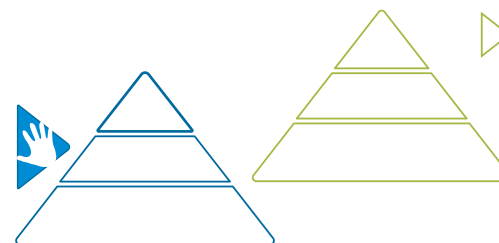
- Observação da criança no local de contato, como, por exemplo, na rua ou no centro de detenção de menores.
- Interação com a criança por meio de jogos, conversas, atividades artísticas, etc.
- Observação das relações familiares e da dinâmica familiar durante as visitas domiciliares.

Objetivo

Garantir que as crianças mais excluídas oriundas de famílias violentas sejam incluídas em serviços.

Quais são os elementos-chave da prática? O que você faz e por quê:

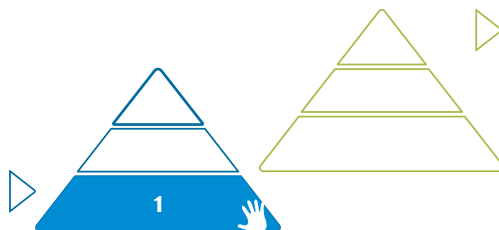
- **Prepare** um perfil claro das crianças que você quer atingir e indicadores claros desse público-alvo. Muitas crianças que enfrentam a pobreza e a exclusão se beneficiarão do acesso aos serviços oferecidos por essa estratégia. No entanto, a maioria delas poderia ser beneficiada por outras abordagens, menos intensivas. Somente as mais marginalizadas, para as quais nenhuma outra abordagem oferece uma solução continuada, demandam a atenção apresentada na estrutura dos dois triângulos. Por isso, é importante que as organizações estabeleçam critérios claros de entrada, tais como:
 - Comportamento violento e agressivo recorrente, que pode incluir autoagressão.
 - Resistência em participar dos programas oferecidos ou histórico de abandono dos programas públicos e de organizações não governamentais.
 - Envolvimento em situações e comportamento que aumentam a exposição ao risco para níveis inaceitáveis — por exemplo, morar na rua ou envolver-se nas formas mais perigosas de trabalho de rua, envolver-se em atividades criminosas, em gangues, com a drogadicção e/ou apresentar comportamento sexual de risco.
 - Relacionamentos e papéis disfuncionais.
- **Estabelecer** bom relacionamento com outras insti-



tuições (governamentais e não governamentais) provedoras de programas, de modo a permitir a entrada nos próprios programas de crianças com o perfil procurado e de encaminhar crianças que são contatadas por sua organização e, embora não façam parte de sua população-alvo, necessitem de alguma forma de ajuda.

- **Certificar-se** das políticas e procedimentos vigentes, de forma que o pessoal de campo saiba como proceder para conseguir proteção imediata para uma criança, quando necessário e saiba como fazer para atender necessidades vitais, que impliquem fazer face ao risco de vida (necessidade de abrigo, necessidade premente de cuidados de saúde). É importante ter consciência do perigo que ameaça uma criança quando se trabalha com crianças que vivem e são oriundas de famílias violentas. Intervenções terapêuticas, que buscam mudar a natureza da dinâmica familiar, devem sempre ser consideradas no âmbito de uma estrutura geral de proteção à criança. A abordagem terapêutica deve ser acompanhada de perto pelo desenvolvimento e monitoramento de planos de segurança do indivíduo e da família.
- **Certificar-se** de que os planos de segurança são criados para cada membro da família, de forma que aqueles expostos a uma situação de risco consigam ajuda e proteção rapidamente se necessário, e que a violência física e sexual recorrente seja minimizada enquanto abordagens terapêuticas são oferecidas.

A construção do vínculo TRABALHO COM O INDIVÍDUO



Objetivo

Proporcionar para cada membro da família — pais e filhos — um vínculo confiável e positivo, como um espelho de uma relação positiva entre pais, mães e filhos, e que possa, a partir daí, começar a formar a qualidade de outras relações em suas vidas.

Técnicas úteis

- Escuta ativa.
- Abordagem centrada nos pontos fortes.
- Jogos.
- Atividades criativas como desenho.
- Ajuda a pais/filhos em suas tarefas.



Ao longo do tempo, a educadora social vai construindo com a mãe uma relação de interesse genuíno e de respeito mútuo, baseada principalmente no afeto que ela demonstra e no profundo e legítimo interesse que ela tem pela pessoa da mãe como um indivíduo que tem o direito de ser respeitado.



O nível de reciprocidade alcançado entre as crianças e o educador social é fundamental para o desenvolvimento da confiança, que lhes permitirá tratar juntos de questões passadas e presentes.



Os educadores sociais devem encontrar-se com pais e filhos onde eles se sintam confortáveis. O educador vai estar com eles onde eles se encontram, tanto física quanto metaforicamente falando, sem jamais acalentar a expectativa de que a criança ou a mãe se encaixe nos planos e rotinas do educador social.

Estudo de caso

Marta não queria que seus filhos participassem de nosso trabalho. Estava interessada em qualquer ajuda financeira que pudéssemos dar, mas não queria desperdiçar seu tempo conosco. Ela se recusava, inclusive, a conversar com uma educadora social, Andrea, que fora visitá-la. A lavagem da roupa da vizinhança era sua única fonte de sustento. Andrea reparou nas pilhas de roupa para lavar; por isso, propôs a Marta que, em lugar de tirá-la de seu trabalho, elas lavassem roupas enquanto conversavam. Marta relutava (a dificuldade de aceitar ajuda genuína é frequente entre pais e filhos que nunca foram tratados como indivíduos). Mesmo assim, Andrea passou a visitá-la três vezes por semana e gastava pouco mais de uma hora lavando roupa. No começo, conversavam sobre a quantidade de trabalho que Marta tinha e como ela poderia tornar o negócio mais rentável ou o trabalho menos penoso, desgastante. Depois, conversaram sobre a imensa carga que ela carregava, ao ter de cuidar de seus próprios filhos e dos filhos de sua filha (na verdade, essas crianças não eram de fato cuidadas, mas negligenciadas). Depois passaram a falar sobre Marta, seus sentimentos e suas frustrações. Marta teve, provavelmente pela primeira vez em sua vida, a experiência de ter alguém que a escutasse e que estivesse interessada nela para seu próprio bem. Mais tarde, Marta revelou que na experiência de lavar roupas com Andrea pela primeira vez ela aprendeu a conversar sobre coisas que eram importantes para ela.

Quais são os elementos-chave da prática? O que você faz e por quê:

Este estágio envolve a criação de um vínculo seguro e protetor com cada membro da família, pais e filhos, como indivíduos. Uma experiência de vínculo afetivo genuíno alicerça todo o processo de empoderamento para crianças ou pais. O relacionamento positivo entre o educador social e a criança ou seus pais busca proporcionar uma experiência que desafia as expectativas negativas de como as pessoas os tratam costumeiramente e, em consequência, a necessidade de permanecerem resistentes ao ato de confiar.

Neste estágio, o foco está em:

1. **Transmitir** sentimentos de que são valorizados para criar autoestima. O autocuidado e o auto respeito desenvolvidos são um pré-requisito para o cuidado e o respeito para com os outros.
2. **Construir um modelo** de vínculo que proporcione um modo alternativo de interação com os outros. Uma relação segura entre o educador e a criança ou os pais sustenta futuras intervenções com a criança e com a família como um todo. Esse vínculo próximo significa que eles terão menor probabilidade de abandonar o processo quando este se tornar incômodo e difícil.

Os seguintes elementos da prática são essenciais para construir essa relação:

- **Proporcione** uma atenção individualizada, dirigida e focada para cada pessoa. Essa atitude ajuda a fazer o relacionamento parecer especial para cada membro da família e evita o ciúme, que aparece por ter que dividir o tempo e a atenção numa relação que é recente.
- **Equipe** consistente. Os membros da equipe que atuam na linha de frente devem ser sempre os mesmos. A mesma pessoa deve atender sempre a mesma criança e seus pais.
- **As visitas** devem ser regulares, demonstrando o comprometimento e a importância dada às necessidades do indivíduo. Como muitas pessoas no passado traíram o vínculo estabelecido com aquele indivíduo, o educador social deve sempre manter a palavra, para demonstrar que se trata de um tipo diferente de relação. Isso inclui ser pontual e manter sempre os compromissos assumidos.
- **Escutar** cuidadosamente, acolher e responder às necessidades que o indivíduo expressa e adaptar-se a seus cronogramas e prioridades, mostrando que o que eles pensam e querem é de fato importante para o educador.
- **As respostas** devem ser específicas para cada caso. O que funciona para um indivíduo pode não funcionar para o outro.
- **Tenha** sempre em mente a visão da pessoa que você

A construção do vínculo

TRABALHO COM O INDIVÍDUO



atende. Mostre-lhe que você se lembra de tudo o que ela lhe contou e que tem pensado nela entre as visitas.

- **Inclua** integrantes masculinos no seu trabalho com a família. O trabalho sobre a violência doméstica tem sido frequentemente associado à violência como uma questão de gênero e as ações têm focado prioritariamente em mulheres e meninas como beneficiárias dos programas. Envolver integrantes da família do sexo masculino é um poderoso catalisador de mudança na dinâmica familiar e aumenta a probabilidade de mudança consolidada. Como o lar e as crianças são frequentemente vistos como território das mães, um esforço especial deve ser feito para incluir os homens nesse trabalho com a família. Legitimar as mães sem incluir parceiros masculinos pode gerar mais violência, se os homens se sentirem postos de lado ou não adquirirem as habilidades necessárias para participar de outra forma.
- **Estimule** os pontos fortes de cada pessoa e enfatize aqueles observados em pais e filhos, de modo que a vivência da relação seja experimentada de modo mais positivo, construindo uma base de aceitação incondicional para um trabalho futuro de mudança.
- **Reestruture:** aproveite as oportunidades que emergem para poder mostrar as situações e acontecimentos de uma perspectiva diferente. Por exemplo: com a mãe que se queixa que seu filho lhe faz perguntas o tempo todo, ache o momento certo para cumprimentá-la por ter um filho tão curioso.
- **Seja coerente** e espere ser testado. As pessoas podem comportar-se de forma desafiadora. Sua prática deve reunir coerência, paciência, repetição, de um modo que você não “morda a isca”. Mostre-lhes que você está preparado para ficar ao lado deles, não importa quanto eles tornem essa tarefa difícil, visto que este é o estágio em que a criança ou um dos pais podem tentar rechaçá-lo.

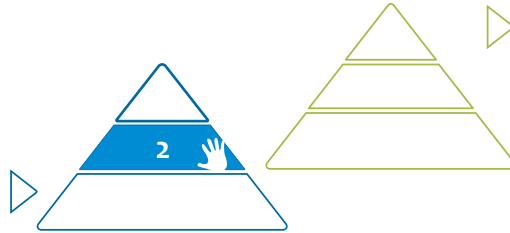
Durante este estágio, muitas atividades têm duplo objetivo. Elas são úteis por si mesmas, como, por exemplo, a ajuda para aprender a ler, mas é também o veículo para o estabelecimento de uma relação baseada em segurança, coerência e confiança. Isso pode incluir, por exemplo, ajudar a providenciar o registro civil ou a ter acesso a algum serviço de saúde ou auxílio do governo.

A observação dos padrões de comportamento e da dinâmica das interações entre os membros da família é importante para começar a formular hipóteses sobre as vivências que teriam gerado esses padrões e seus efeitos sobre a vida de cada um deles. No próximo estágio do processo, você terá de criativamente encontrar maneiras de ajudar cada pessoa a construir essa ligação entre o passado e o presente. É importante manter-se sempre com a mente aberta, ser curioso e continuar enriquecendo as hipóteses com informações extraídas de diferentes fontes ao longo do tempo.

Estar atento e observar mudanças aparentemente pequenas ajudam a avaliar se sua intervenção está funcionando. A mudança não precisa ser necessariamente dramática, no entanto, ela pode demorar um longo tempo no começo de um processo antes de se tornar evidente, uma vez que pais e filhos têm muito a perder se confiam em alguém que mal conhecem e são de novo traídos. É fundamental não subestimar a importância de qualquer mudança, ao mesmo tempo em que deve-se ter o cuidado de promover ajustes no seu trabalho se o caminho escolhido não está conduzindo a mudança nenhuma.

Elaboração

TRABALHO COM O INDIVÍDUO



Objetivo:

Ajudar cada membro da família a processar as experiências passadas para entender a situação atual e desenvolver um sentimento de esperança.

Técnicas úteis

- Exploração orientada por meio de perguntas e respostas.
- Trabalho com arte, por meio do qual experiências podem ser comunicadas.
- Dramatização.
- O jogo de areia (terapia de sand play), em que a exploração de experiências é mais metafórica e pode oferecer uma ponte para pais e filhos que não estão preparados para falar sobre o passado ou não conseguem se lembrar dele.
- Genogramas, linhas da vida, plantas baixas e outras técnicas de visualização.
- Jogos.
- Rituais.
- Grupos terapêuticos orientados, compostos de pessoas de situação sócio-existencial semelhantes onde, por exemplo, crianças aprendem com outras crianças cujas experiências são semelhantes. Esse grupo de trabalho ajuda adultos e crianças a ver a própria experiência com um olhar mais objetivo e pode também ajudá-los a conectar com experiências que foram mantidas fora da consciência, mas que têm influência sobre o modo pelo qual eles reagem quando estressados.



As crianças normalmente acham mais fácil explorar seu mundo interior e as experiências pelas quais passaram usando metáforas e jogos imaginativos.



Muitas crianças têm dificuldade para encontrar as palavras que descrevam suas experiências ou sentimentos. Para elas, a arte proporciona um meio de comunicar suas vivências e para o educador social, o meio de ajudá-las a encontrar as palavras para descrever as experiências. Encontrar as palavras torna possível, para elas, elaborar essas experiências.



O educador social desempenha um papel crucial ao testemunhar o trauma pelo qual pai ou filho passou. Isso exige muito mais uma atenção cuidadosa e próxima do que simplesmente palavras a serem ditas.

“ Tendo sido ajudada a reconhecer e a recapturar os sentimentos que teve quando criança e a entender que eles são aceitos com tolerância e compreensão, uma mãe se tornará gradativamente mais empática e tolerante em relação às mesmas coisas em seu filho. ”
John Bowlby¹⁵

Estudo de caso

Angelina explorou sua história pessoal com Jorge, seu educador social, durante muitas semanas. Ela tinha uma história traumática para contar e um apoio emocional significativo lhe foi dado tanto para contar como para suportar o seu passado. Ela tinha chegado ao ponto em que estava começando a recontar os episódios mais perturbadores. Jorge ficou tentado a lhe mostrar que, enquanto ela pensava em si mesma, seus filhos lutavam para chamar sua atenção. Mas Jorge sabia que, se explicasse para Angelina o que ela estava pensando ou sentindo, corria o risco de aliená-la de si mesma ou impedi-la de ser capaz de ter um insight por conta própria.

A equipe de Jorge o ajudou a pensar como ele poderia ajudá-la a “ver” o que estava acontecendo, sem ter de lhe mostrar. Jorge decidiu repetir com ela as atividades propostas quando lhe pedira para contar o passado pela primeira vez. Com Jorge a seu lado, Angelina desenhou imagens para representar as experiências mais dolorosas de sua infância. Passaram um bom tempo contemplando suas experiências terríveis. Em um desses momentos, Angelina disse muito tristemente: “É isso que eu estou fazendo com meus filhos”. Jorge sabia que Angelina tinha alcançado o ponto a partir do qual ela poderia se comportar de modo diferente daquele dos adultos da sua infância, que tinham lhe causado tanto mal.

Quais são os elementos-chave da prática? O que você faz e por quê:

Ativamente manter o nível de confiança profundo construído na fase anterior. Um vínculo de confiança permite às pessoas que fizeram coisas terríveis ou que foram vítimas de experiências terríveis, contá-las a seus educadores sociais sem medo de humilhação, recriminação ou de perder uma relação que se tornou importante. O processo inclui: reconhecimento, compreensão, dor e deixar passar as coisas e acontecimentos que não podem ser mudados.

Usando a relação segura, a criança/pai/mãe e o educador social começam a explorar experiências difíceis do passado, podendo o educador afetivamente fazer perguntas diretas ou usar uma variedade de ferramentas e atividades, como genogramas e trabalhos com arte, que podem ajudá-los a acessar e recontar experiências e sentimentos. O papel do educador é o de ajudá-los a lidar com a dor que emerge. Mostre que você ficou sensibilizado com a experiência do outro e expresse tristeza pelos acontecimentos pelos quais eles passaram. Permaneça calmo e contido em sua resposta para mostrar à criança/pai/mãe que essas experiências e a dor que elas evocam podem ser suportadas.

São elementos-chave neste estágio:

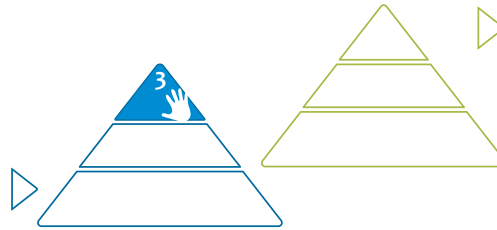
- **O permanente questionamento** da própria compreensão acerca da experiência da criança/pai/mãe e de como eles a interpretaram, de como eles veem a si mesmos e aos outros, e de como isso afeta suas vidas hoje. Cada criança e cada pai/mãe são únicos, assim como suas histórias, mesmo que elas se pareçam com as experiências de outros indivíduos.
- **Não faça julgamento, não impute culpa nem se mostre chocado.** Crianças e pais precisam saber que não são os únicos a vivenciar experiências desse tipo. Seu objetivo é transmitir a seguinte mensagem: “Muitas pessoas têm

os mesmos sentimentos ao passar por esse mesmo tipo de situação”.

- **Mostre que você acredita** no que lhe foi contado. Demonstrar descrédito ou dúvida leva crianças e pais a sentir vergonha, a perder a confiança e a abandonar o processo.
- **Trabalhe** de acordo com o ritmo de cada indivíduo. Depois de uma sessão em que uma criança ou pai/mãe tenha revelado algo doloroso, é provável que não queiram falar a respeito durante algum tempo.
- **Ajude** a criança ou o pai/mãe a nomear o que aconteceu e os seus sentimentos, visto que eles podem não ter vocabulário ou condição para tanto. Faça isso verificando com eles se a sua compreensão é correta, de modo a “mostrar-lhes”, pela sua reação, como eles deveriam entender as próprias experiências.
- **Seja criativo e flexível** ao escolher as ferramentas que permitirão à criança/pai/mãe expressar as próprias experiências da maneira que lhes seja mais aceitável.
- **Ajude** a criança/pai/mãe a reinterpretar a própria história, para desenvolver uma nova compreensão de si mesmos. A criança ou seu pai /mãe poderão ter formado a própria compreensão do que aconteceu, a qual poderá não beneficiá-los. Por exemplo, como as crianças não podem rejeitar a única figura com a qual mantêm um vínculo afetivo, eles podem concluir que a falta de amor materno por eles é porque eles mesmos não são merecedores. Essa convicção, se não for confrontada por suas experiências subsequentes, os levará a acreditar e finalmente contribuir para serem de fato rejeitados por outros também em experiências futuras.

Esteja preparado para uma série de reações baseadas em mecanismos de defesa para lidar com o trauma, desde a incapacidade de falar sobre a experiência ou de recuperar as próprias memórias, até a intenção de falar sobre elas com o propósito de chocá-lo e testá-lo.

Aplicar o Aprendido na Experiência TRABALHO COM O INDIVÍDUO



Objetivo

Ajudar cada criança/pai/mãe a encontrar meios de usar seu processo de cura e os insights que emergem a partir dele para orientar seu comportamento, decisões e vida prática.

Técnicas úteis

- Técnicas de cuidados maternos, disciplina eficaz e habilidades para a resolução de conflitos. Uma vez que um pai (ou mãe) tenha decidido viver numa família sem violência, é possível compartilhar estratégias práticas para atingir esse objetivo.
- Técnicas de estabelecimento de objetivos, de solução de problemas e de reestruturação, que capacitam os indivíduos a pensar de forma diferente sobre os desafios e a se auto-organizarem para atingir esses objetivos.
- Unir famílias por meio das atividades e dos serviços comunitários disponíveis, como serviços de saúde, planos de auxílio financeiro, educação formal, emprego seguro, treinamento vocacional e serviços de apoio contra o vício.
- Trabalhar com serviços externos, de modo que as necessidades de cada criança/adulto sejam individualmente compreendidas e estejam dispostos a ajuda-los.
- Ajudar os indivíduos a aprender novas habilidades para atingir seus objetivos, incluindo alfabetização, cuidados com a saúde e cuidados de higiene, etc.



Tendo vivenciado uma relação sólida com seu educador social, as crianças, então, podem ser ajudadas a trabalhar por meio de suas experiências e a entender como foram afetadas por elas. Nesse momento, elas são mais capazes de manter sua participação em atividades de grupo, tanto formais quanto informais.



A capacidade das crianças de pensar e aprender aumenta à medida que elas sejam ajudadas a estabelecer relação entre suas experiências e seus sentimentos. Os níveis de atenção e a capacidade de focar em uma atividade aumentam, assim como sua habilidade de planejar e atingir objetivos que demandam esforço ao longo do tempo.



Pais que conseguiram entender como suas experiências da infância os impediram de aproveitar oportunidades valem-se de suas forças recentemente descobertas para reestruturar suas vidas, de modo que eles podem, por exemplo, encontrar e manter um emprego, oferecendo, assim, uma vida doméstica diferente para seus filhos.

Estudo de caso

Diana tinha “perdido” seu filho mais velho para a rua e não sabia onde ele se encontrava. Seus dois outros filhos suplicavam sua atenção, mas, apesar de viverem todos no mesmo espaço físico, ela lutava para buscar em si recursos emocionais para lhes dar atenção e afeto. Como ela foi ajudada a olhar para sua infância, para sua história de vida e para o modo pelo qual ela foi obrigada a lidar com situações de abuso e abandono, acabou desenvolvendo compreensão e compaixão, que anteriormente tinha negado a si mesma. Ela começou, então, a desenvolver, dentro de si mesma, a capacidade de se preocupar genuinamente com as necessidades de seus filhos. Seus dois filhos estavam na escola, mas não conseguiam progredir, e Diana era analfabeta. Ela pediu a seu educador social que a ensinasse a ler para que ela pudesse ajudar seus filhos na mesma tarefa. Ela também começou um grupo de dança na vizinhança para que seus filhos pudessem estar com outras crianças e com ela ao mesmo tempo. Alguns meses depois que a mãe começou a ler, as crianças também aprenderam, visto que o interesse dela pela aprendizagem das crianças fez uma enorme diferença para eles no sentido de serem ajudados e de serem importantes para ela. Essa situação, por sua vez, influenciou não só a motivação das crianças, mas na verdade parece ter impactado positivamente sua capacidade de reter o que tinham aprendido. Começaram a fazer amigos entre as crianças do local, já que participavam com orgulho do grupo de dança da mãe. Diana tornou-se capaz de pensar nas necessidades pequenas, mas essenciais, de seus filhos, e com isso desenvolveu o hábito de conversar diariamente com eles a respeito de sua vida cotidiana.

Quais são os elementos-chave da prática? O que você faz e por quê:

Nesta fase, o foco é a ajuda aos indivíduos para que construam um sentido para o que lhes aconteceu e encontrem força para reparar o mal que causaram a outras pessoas. Ajude-os a usar as lições extraídas de suas experiências negativas para benefício próprio e de outras pessoas. Dessa forma conseguem estabelecer uma relação entre o passado e o presente, e desenvolver um sentido de futuro. O vínculo afetivo estabelecido entre a criança/pai/mãe e o educador social continua a ser decisivo nesta fase.

- **Ajude** as pessoas a aceitar a responsabilidade pelo que fizeram a outros e a buscar reparar o mal que lhes causaram. Ajude-os a entender que, embora não seja “culpa” deles terem se comportado do modo como o fizeram no passado, é de sua responsabilidade aprender a lidar com os próprios sentimentos e a encontrar um novo modo de se comportar, para que não mais causem mal se eles forem os perpetradores ou não mais se auto-prejudiquem com as próprias reações, se forem vítimas de violência.
- **Ajude** a criança/pai/mãe a encontrar um sentido na própria experiência e um propósito para suas vidas pelo estabelecimento de metas intermediárias. Isso frequentemente se manifesta pela expressão: “Eu não vou permitir que isso aconteça com meus filhos”, “Quero ter certeza de que meus filhos terão uma vida melhor do que a minha”, “Não vou

deixar que o passado continue a me prejudicar e a prejudicar todos que vivem ao meu redor”. Trata-se da decisão de uma criança/pai/mãe quanto a agir de modo diferente e a perceber que eles têm escolha, mesmo quando todas as probabilidades pareçam estar contra eles. O estabelecimento de metas ajuda as pessoas a sair de estratégias de sobrevivência para a esperança e o planejamento do futuro.

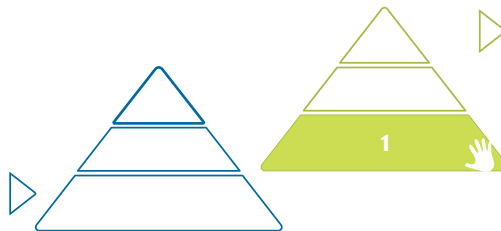
- **Ajude-as** a fortalecer suas habilidades comuns e a desenvolver novas, alinhadas com seus pontos fortes, interesses e metas.
- **Construa uma rede** de suporte ao redor de cada criança/pais para ajudá-los a atingir seus objetivos. Nesta fase, os pais/criança buscam ajuda de fato e com isso começam de fato a usufruir dos serviços disponíveis e a se integrar construtivamente nas suas comunidades.
- **Ajude** as crianças e pais a concretizar seus objetivos, mas tenha um papel facilitador mais do que um guia, assim que eles tenham obtido algum sucesso. É importante neste estágio que os educadores sociais resistam à tentação de sugerir outros objetivos e ações. O papel do educador social é identificar elementos positivos, enfatizá-los e construir caminhos a partir deles.
- **Seja paciente.** Haverá momentos em que o trabalho parece voltar a antigas respostas e padrões. Neste estágio há uma diferença fundamental, no entanto: crianças e pais geralmente dão-se conta do que está acontecendo e buscam ajuda.

Trabalho com a família

“ Este trabalho começa com a construção de confiança e o fortalecimento das relações positivas entre os membros da família. ”



Construção do vínculo TRABALHO COM A FAMÍLIA



Objetivo

Construir um vínculo de confiança e fortalecer positivamente os vínculos entre os membros da família.

Técnicas úteis

- Piqueniques e excursões com a família.
- Planos de vida para a família, linha do tempo da família e ferramentas de diagnóstico.
- Sessões interativas de vídeo.
- Competências parentais (estabelecimento de limites, disciplina positiva, reconhecimento e encorajamento dos pontos positivos das crianças, modelagem do comportamento adequado).
- Habilidades de processos familiares - negociação de acordos e concessões sobre diferentes necessidades e interesses dentro da família, facilitação de processo compartilhado de tomada de decisões.
- Estabelecimento de objetivos, planejamento, técnicas de resolução de problemas e técnicas de reorganização.



Ocasões para desfrutar de uma convivência alegre possibilitam a formação de novas memórias para contrabalançar as memórias mais dolorosas.



Florian Kopp

O educador social pede a pais e filhos que falem dos pontos fortes, das qualidades e dos valores que veem uns nos outros. Essa é frequentemente uma vivência muito sensibilizadora.



Gerrie Smit

Um ciclo de interação positiva alimenta um sentido positivo do eu e todos os membros da família se beneficiam do novo clima doméstico.

Estudo de caso

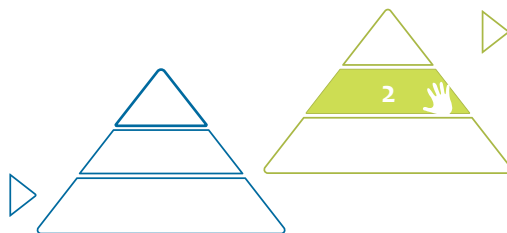
Depois de mais de um ano e meio de trabalho intensivo com Dona Grace e Seu Fausto, os pais de Jonathan, Daniel e Mateo, e depois de ajudar os garotos individualmente, na escola e em atividades comunitárias, cada membro da família agora mostra uma capacidade emocional muito maior para se relacionar de modo mais eficaz entre si e com os outros. Apesar disso, a família guarda muitas lembranças envolvendo medo, solidão e fome, e poucas lembranças positivas. Os educadores sociais decidiram levar a família para passar um dia na praia. Imagens do dia foram distribuídas pela casa. Outros passeios ajudaram o surgimento de vivências positivas na família e assim criar novas memórias. A família também começou a ver outros aspectos positivos na sua vida cotidiana. Os educadores sociais criaram situações que permitiam a cada membro da família falar sobre esses aspectos positivos com os demais. Quando solicitados a falar a sua mãe sobre alguma coisa que ela tinha feito que os fizera sentir-se bem, Jonathan disse que gostava quando sua mãe oferecia arroz e frango para o jantar; Daniel, que gostava quando ela o abraçava, e Mateo, que gostava quando ela sorria. Grace imediatamente abraçou cada um de seus filhos com um largo sorriso e disse que iria economizar para eles terem arroz e frango na próxima semana. A família inteira deu uma gargalhada, se abraçou e sorriu. Essas vivências aparentemente pequenas e simples fizeram uma diferença extraordinária na dinâmica da vida familiar.

Quais são os elementos-chave da prática? O que você faz e por quê:

- **Reproduzir**, entre cada criança e seu pai/mãe, a experiência de um vínculo afetivo e amoroso que eles tenham tido com seu educador social (ocorrido no estágio Construção do Vínculo com o Indivíduo acima). O relacionamento e o vínculo estabelecido com o educador social é uma referência útil para pais e filhos, visto que eles aprendem a se relacionar de forma positiva entre si. O educador social desempenha o papel de um facilitador. Por exemplo, antes de o educador social ajudar a criança na lição de casa, ele deve amparar a mãe na sua tarefa de ajudar o filho. Essa atitude permite ao educador que comece a reduzir seu envolvimento na família, à medida que os pais se tornam as figuras mais importantes na vida do filho, e vice-versa. Essa atitude também exige uma mudança do foco de ação dos educadores, no sentido de deixar de agir prioritariamente com o indivíduo para focar a ajuda à família como um todo.
- **Criar oportunidades** para os membros da família se conhecerem mais uns aos outros e estabelecer regras, rotinas, rituais e papéis que ajudem a família a funcionar em conjunto com sucesso (celebração de aniversários, conversas sobre preferências e sentimentos, criação de modelos de interação e linguagem respeitosa e conversas a esse respeito).
- **Criar vivências** positivas para a família, que a ajudem a formar memórias positivas compartilhadas. Essas vivências, facilitadas pelo educador, criam oportunidades de interação e comunicação que permitem à família formar vínculos saudáveis.
- **Certificar-se** de que o trabalho com o vínculo afetivo e a elaboração das experiências em nível individual tenha sido eficaz, antes de tentar trazer o grupo familiar para um trabalho em conjunto.

Elaboração

TRABALHO COM A FAMÍLIA



Objetivo

Capacitar pais e filhos a elaborar as vivências em conjunto, no âmbito de um espaço estruturado e seguro, de forma que cada membro da família entenda as vivências dos demais e como elas afetam uns aos outros. Ter insights em relação a cada um é decisivo nesse momento.

Técnicas úteis

- Estratégias para estimular a interação familiar — por exemplo, jogos em família, arte, dramatização, escultura.
- Ferramentas que permitam ao indivíduo expressar suas emoções, de modo que sejam entendidas por todos os membros da família. A organização JUCONI, do México, por exemplo, usa um termômetro. Quando alguém da família diz que está no “7” ou no “vermelho”, o resto da família entende que essa pessoa está furiosa e precisa de espaço para lidar com suas emoções.
- Genogramas, linhas da vida, plantas baixas.



É importante ajudar os pais a dar voz a seus filhos para que eles descrevam como suas experiências foram sentidas.



A família toda compartilha o que pode ter sido guardado como um segredo até então. Isso ajuda a construir um sentido para o que eles vivenciaram juntos e também ajuda a família a deixar para trás experiências ruins, sem esquecê-las ou fingir que não aconteceram. Construir um futuro baseado na realidade é mais sustentável.



Chloe Dewe Mathews

A família aprende a ficar triste em conjunto e a lidar com a tristeza de cada um. A prática de expressar e reconhecer a tristeza ajuda a se certificar de que ela foi adequadamente identificada, mais do que direcioná-la para o ódio ou para atos de violência.

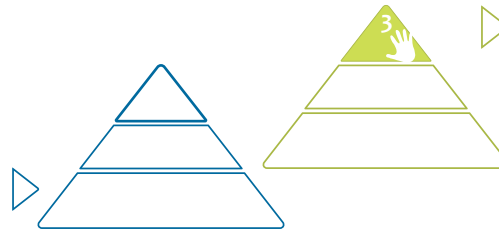
Estudo de caso

A família de Adeela estava indo bem. As crianças não iam mais para a rua. O relacionamento entre os membros da família tinha se tornado positivo e a violência entre os pais tinha acabado. As crianças estavam se saindo bem na escola, à medida que sua concentração ia melhorando significativamente. Aleema, a irmã mais nova de Adeela, estava se desenvolvendo bem e seus pais cuidavam dela de uma forma que Adeela não tinha experimentado quando bebê. Era tentador deixar a família seguir o seu próprio curso, já que tudo indicava tratar-se de uma família recuperada. Mas tanto os educadores sociais quanto a própria família sabiam que havia questões ainda não tratadas e resolvidas. No passado, um vizinho tinha presenteado a família em retribuição à “ajuda” que Adeela lhe prestava nos afazeres domésticos. O caso de abuso infantil tinha aparecido quando o homem em questão desapareceu, mas Adeela ainda se sentia traída pelo fato de sua mãe ter preferido um refrigerador em lugar de mantê-la segura. O irmão mais novo ainda tinha pesadelos relacionados à violência entre os pais. Os educadores sociais sabiam que era importante para as crianças falar sobre seus sentimentos daquela época e de agora, mesmo que fosse difícil para os pais ouvir esses relatos. Com muita tristeza e raiva a família trabalhou na escuta das vivências dolorosas de cada um. Mais tarde, a família iria se referir aos traumas antigos, dizendo: “Se pudéssemos ter feito as coisas melhores depois dessas experiências, nos saberíamos que sempre poderíamos melhorá-las não importando quão difíceis elas tenham sido”.

Quais são os elementos-chave da prática? O que você faz e por quê:

- **Certifique-se** de que os estágios anteriores do processo tenham sido bem conduzidos antes de começar esta etapa do trabalho.
- **Certifique-se** de que um plano de segurança esteja atualizado, checando-o regularmente. Este é um momento potencialmente perigoso, já que pode parecer ameaçador para os membros da família, que podem sentir-se culpados pelo passado e reagir da mesma forma que o faziam então, com violência, negação e/ou outras formas de isolamento.
- **Proporcione um espaço seguro.** Com base na etapa anterior, certifique-se de que a família se sente à vontade entre eles, e que limites e regras vigentes sejam conhecidos (por exemplo, não interromper um ao outro, usar linguagem respeitosa, ter habilidade ao expressar emoções e lidar com elas).
- **Identifique**, juntamente com os diferentes membros da família, que assuntos e defesas precisam ser trabalhados em grupo e quais devem sê-lo individualmente ou em subgrupos dentro da família.
- **Facilite** a elaboração das experiências que estão causando dificuldade na família como grupo — conduzindo as conversas de forma a possibilitar-lhes falar sobre esses assuntos. Essas conversas tratam de reconhecimento, revelação, desculpas e expressão de sentimentos que as ações dos outros causaram.
- **Certifique-se** de que este estágio foi completado. Em famílias nas quais os membros se prejudicaram uns aos outros, este estágio é essencial para a recuperação. No entanto, pelo fato de ser difícil e doloroso, é frequentemente deixado de lado.
- **Ofereça** apoio adequado e supervisão especializada aos educadores. Os educadores sociais precisam planejar e praticar, antes de conduzir essas conversas em nível familiar, e pensar em possíveis consequências e contingências.
- **Continue a desenvolver** a compreensão acerca dos diferentes papéis que cada indivíduo desempenha na família. Mecanismos comuns de defesa não devem ser descartados antes de outros recursos mais úteis terem sido aprendidos para substituí-los. Crianças que desenvolveram posturas rudimentares de se autoprotger contra maus tratos, por exemplo, não devem ser solicitados a deixá-los de lado antes de terem aprendido outros mecanismos de proteção, mais úteis, como ter um vínculo seguro e compensador com um amigo confiável ou mentor. Da parte do educador, também é vital fazer um balanço da sua compreensão da família e da sua dinâmica de funcionamento de tempos em tempos.

Aplicar o Aprendido na Experiência TRABALHO COM A FAMÍLIA



Objetivo

Certificar-se de que pais e filhos sentem que seus interesses são considerados dentro da família e de que eles são capazes de estabelecer metas como uma família para o benefício de todos. A família proporciona experiências positivas para todos os seus membros e novas situações de estresse são administradas de modo que ninguém da família se prejudique. Dessa forma, a família substitui ciclos negativos de interação por ciclos virtuosos, que estimulam o desenvolvimento pessoal de todos os seus membros.

Técnicas úteis

Há uma considerável sobreposição no uso de ferramentas para o trabalho com os indivíduos em seu propósito e objetivos, tais como:

- Competências para a vida.
- Habilidades para cuidar dos filhos.
- Inteligência emocional.
- Competências para lidar com decisões relativas a sexo saudável e reprodução.
- Priorização e definição de metas.
- Competências de gestão financeira.



Neste estágio, as famílias estão usando seus pontos fortes e o aprendizado que alcançaram para proporcionar uma experiência diferente para todos os seus membros.



O afeto é frequentemente demonstrado e vai ao encontro das necessidades das crianças, mais do que dos adultos.



Os pais são capazes de se concentrar nas necessidades imediatas e de longo prazo de seus filhos e agir de forma a atendê-las, independentemente do estímulo externo.

Estudo de caso

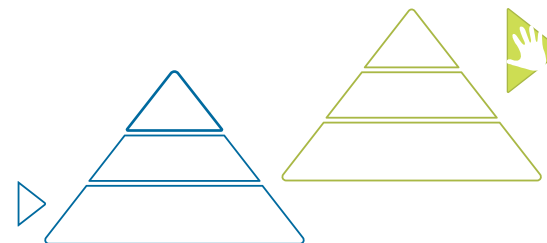
Marcelo e Maurício, então com onze e nove anos, respectivamente, foram encontrados trabalhando na rua, recolhendo lixo para vender. Paulo, seu pai, era alcoólatra e desempregado crônico. As relações familiares eram dominadas por grave violência física e psicológica entre Paulo e Maria José, a mãe, com os dois garotos no meio do conflito. Maria José contava muito com os filhos como fonte de apoio emocional, além de serem os únicos responsáveis por gerar renda para a manutenção da casa. Faltava a Marcelo a capacidade de manter sua participação em quaisquer atividades comunitárias, e Maurício reproduzia na escola a violência que vivenciava em casa. No entanto, com apoio intensivo, Paulo começou a enfrentar o alcoolismo e a ver os malefícios que causava à família. Eles já percorreram um longo caminho juntos e hoje têm uma visão compartilhada de passado, presente e futuro. Paulo está formalmente empregado e Maria José desempenha um papel ativo na criação de um ambiente doméstico positivo para os filhos. Quando Marcelo terminou com sucesso seu estágio de um ano num banco estatal, Maria José reuniu a família para falar como eles poderiam ajudá-lo a terminar o ensino médio. Agora com 17 anos, Marcelo trabalha meio período e cursa o último ano do ensino médio numa escola à noite. Estimulado pela família, espera entrar na universidade. Maurício tem feito grande progresso na escola e é capaz de lidar com o próprio comportamento de maneira muito mais eficaz. A família, agora, ajuda cada um de seus membros a atingir metas individuais e coletivas e a superar obstáculos, quando eles aparecem.

Quais são os elementos-chave da prática? O que você faz e por quê:

- **Trabalhe** com a família no estabelecimento de metas como um grupo, que leva em conta e responde às necessidades de cada um de seus membros; pese prioridades individuais x prioridades familiares, e crie esperança e ambição compartilhadas no âmbito da família. Esse processo permite a seus membros desenvolver uma visão clara da família que eles querem ser, o que, em contrapartida, os estimula a adquirir as habilidades de que eles necessitam e os ajuda a começar a interagir positivamente com a comunidade local e os serviços que ela oferece.
- **Facilite** a tomada de decisão compartilhada dentro da família – por exemplo, como gastar dinheiro, certificando-se de que cada membro seja ouvido. A tomada de decisão compartilhada reforça o respeito entre os membros da família.
- **Facilite e apoie** a tomada de decisão, evitando dar a direção. A família aprende como trabalhar, independentemente da intervenção de seu educador social, para alcançar as metas familiares compartilhadas. O educador, por sua vez, demonstra sua confiança na habilidade da família de tomar suas próprias decisões, contribuindo para que ela desenvolva a crença na sua própria capacidade.
- **Ajude** os membros da família a amparar o desenvolvimento e as conquistas uns dos outros, com a consciência da individualidade e do estágio de desenvolvimento de cada um.
- **Construa** uma rede de suporte ao redor da família – por exemplo, membros da família estendida, vizinhos e serviços comunitários disponíveis para ela, de modo a assegurar a permanência das mudanças positivas.
- **Incoraje** as famílias a buscar ajuda nas suas comunidades, na família ampliada e na rede de amigos e outros serviços locais. Nesse estágio, a família está se tornando independente da nossa ajuda e irá exercitar a tomada de decisão, a resolução de problemas e a comunicação sem a orientação de seus educadores sociais.
- **Resista** à tentação de “melhorar” as ideias que a família tem, já que a aprendizagem agora vem da própria experiência em aplicar os insights que eles tiveram ao longo do processo todo e pela exploração do que funciona entre eles.

Graduação

NO PROGRAMA



Essa estratégia inclui critérios para determinar quando a família está apta a se graduar. A participação de uma família no programa termina a partir do momento em que mudanças antecipadas tenham sido conquistadas e pareçam ser permanentes. Monitoramento regular e participativo e avaliação permitem um acompanhamento de perto dos resultados.

Uma “estratégia de saída” inclui a expectativa de:

- Mudanças positivas nos relacionamentos
- Mudanças positivas nos comportamentos
- Mudanças positivas nos resultados de vida
- Indícios de que mudanças positivas estejam consolidadas e possam, então, ser sustentadas tanto pelos filhos quanto pela própria família

Os indicadores seguintes fornecem um guia para o que a mudança “se assemelha”, particularmente em áreas menos tangíveis como o vínculo e como ele é mensurado.

Área de mudança positiva	Indicador
Relacionamentos	<ul style="list-style-type: none"> ■ Pais e filhos mostram relacionamentos positivos, não violentos, baseados em papéis adequados e responsabilidades entre adultos e crianças. ■ Os filhos são protegidos pelos pais contra abusos de terceiros, não pertencentes ao âmbito familiar imediato (por exemplo membros da família estendida). Se um dos pais (normalmente a mãe) deixa um parceiro abusador, eles não entrarão, então, em outro relacionamento violento. ■ Filhos e pais demonstram autoestima saudável (que pode ser mensurada nas crianças utilizando o “Goodman’s Strengths and Difficulties Questionnaire ¹⁶) e acreditam que são merecedores de afeto e respeito. ■ Os filhos são capazes de lidar com as próprias emoções, controlar os impulsos e resolver problemas. ■ Pais e filhos têm um senso de esperança e de atuação pessoal e a habilidade de planejar o futuro. ■ Pais e filhos têm a capacidade de criar e manter novos relacionamentos positivos, adequados a um contexto social. ■ Os membros da família são capazes de se comunicar e de expressar suas emoções entre si.
Comportamento	<ul style="list-style-type: none"> ■ Pais e filhos não estão mais envolvidos em comportamentos destrutivos, como o envolvimento em situações de rua, gangues, crimes, drogas, atividade sexual de risco, formas perigosas de trabalho infantil, etc. ■ Os pais não usam mais a violência como meio de disciplina, de comunicação ou de solução de conflito, tanto entre si quanto com os filhos. ■ Os pais podem identificar situações de risco e adotar estratégias adequadas para proteger seus filhos.
Resultados de vida	<ul style="list-style-type: none"> ■ Os filhos têm acesso permanente a oportunidades positivas de vida, como educação, treinamento vocacional e formas seguras de emprego/geração de renda (dentro da idade adequada). ■ Os pais têm acesso a oportunidades de treinamento e formas seguras de emprego e geração de renda. ■ Pais e filhos têm a saúde física melhorada e adotam hábitos positivos de higiene e nutrição. ■ Pais e filhos têm seus documentos de registro civil, para facilitar o acesso a serviços. ■ Os filhos têm acesso a atividades sociais adequadas à idade, necessidades e habilidades.
Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> ■ A família é capaz de lidar com desafios e situações de estresse de modo eficaz ao compreender que essas situações são inevitáveis, dado as condições sociais e econômicas nas quais a maioria terá de viver. ■ A família é capaz de buscar e aceitar ajuda externa. ■ A família está integrada na sua própria comunidade, no sentido de acessar os serviços comunitários (médicos, legais, educacionais, previdenciários, etc., caso existam) e a redes comunitárias informais de suporte ■ Os membros da família demonstram a capacidade de planejar o futuro com um propósito, ordem e visão de uma unidade familiar.

Características do Programa

“

A habilidade central que nossa equipe de campo compartilha é a capacidade de construir um vínculo afetivo genuíno e, conseqüentemente, estabelecer uma relação de confiança.

”





Características-chave dos Programas

UTILIZANDO A ESTRATÉGIA DO SFSC



Os membros da **Coalizão SFSC** empregam uma série de estratégias para atingir as metas de cada estágio da estratégia dos dois triângulos, e nossos programas podem parecer diferentes uns dos outros em termos das atividades propostas e dos serviços oferecidos. No entanto, como já referido, nós temos uma intenção comum no nosso trabalho, baseada na compreensão compartilhada do papel crítico desempenhado pelos vínculos precoces do comportamento infantil e nos resultados subsequentes de vida. Dado que as atividades propostas podem variar muito significativamente, quais são as características comuns de nossos programas?

1. Grupos-alvo definidos

Todos nós buscamos trabalhar com as crianças mais marginalizadas. Quando fazemos nossa seleção (normalmente nas ruas, mas também por intermédio de encaminhamentos de outras instituições), temos critérios claros para a entrada no programa. Os critérios de seleção são baseados no comportamento e nos resultados de vida identificados por meio do trabalho nas ruas e buscam atingir especificamente aquelas crianças que vivem em maior situação de vulnerabilidade social.

2. Critérios claros para a saída dos programas

Ao lado de critérios claros para a entrada em nossos programas, também temos critérios claros para a graduação. Esses critérios são baseados no atingimento de áreas definidas de mudança, que incluem as crianças não irem mais para as ruas e os pais serem capazes de prover um lar protetor, acolhedor e não violento para seus filhos. Dessa forma, não existe tempo limite prefixado para as famílias participantes. Elas não são excluídas simplesmente porque um projeto que previa subvenções e donativos terminou. Uma vez

que uma família tenha entrado em nosso programa, ficamos com ela até que seus membros tenham alcançado determinado nível de progresso sustentado.

3. Prestação de serviços de longo prazo

Todos os nossos programas são baseados na prestação de serviços de longo prazo para nossos participantes. Dado o nível de exclusão e vulnerabilidade dessas crianças, a mudança normalmente é lenta e não linear. Nossos serviços são prestados através de um ciclo de longo prazo, que normalmente começa pela participação de pais e filhos numa fase de contato inicial, seguida de uma fase intensiva de ajuda, para depois passar por um processo lento de retirada gradativa da intervenção, à medida que a família se torna capaz de sustentar a mudança positiva.

4. Serviços acessíveis

Nossos serviços são predominantemente prestados no ambiente da criança e da família. No início, isso significa que passamos um tempo nas ruas. À medida que nosso envolvimento com a criança se aprofunda, nosso foco muda para o ambiente doméstico. Nosso foco nas visitas domiciliares garante que nós vamos até as famílias, mais do que elas venham até nós, e nos capacita a formar insights importantes sobre a dinâmica da vida doméstica.

5. Propósito terapêutico

Seja ajuda educacional, artes dramáticas, arte, dança, acesso ao registro civil de nascimento ou acompanhamento de uma família a uma consulta médica, há um propósito terapêutico em todas as nossas atividades. Isso significa que todas as estratégias objetivam ajudar pais e filhos a compreender o próprio comportamento e situação, a desenvolver autoestima e a construir vínculos saudáveis, capacitando-os a substituir mecanismos destrutivos de defesa por



Railway Children



Robin Hammond



escolhas mais construtivas.

6. Serviços personalizados

Embora oferecidos no âmbito de uma grande estrutura operacional, todos os serviços são desenhados de forma individualizada para atender as necessidades específicas de cada criança e de cada família. Isso garante que abordemos os fatores de risco e que construamos fatores de proteção em cada família e para cada criança, considerando as experiências traumáticas vivenciadas nas famílias, de forma a romper com os ciclos de comportamento que poderiam levar à repetição das mesmas situações.

7. Abordagem centrada na criança

A criança em situação de maior risco e vulnerabilidade psicossocial que encontramos na rua é nosso alvo principal. Nosso trabalho com a família tem como objetivo específico criar um ambiente saudável no qual a criança possa crescer e no qual os cuidadores desempenhem um papel de acolhimento e proteção. Nosso trabalho no nível da comunidade tem um objetivo similar. Uma rede de relações com os principais grupos da comunidade é estabelecida com o objetivo de impactar os resultados de vida da criança identificada. Por exemplo, nós construímos relacionamentos positivos com as escolas para facilitar o acesso aos serviços educacionais e o sucesso das crianças nessas instituições, o mesmo acontecendo com postos de saúde locais, para melhorar o desenvolvimento físico das crianças. Assim, o trabalho comunitário é também

decisivo para atingir as crianças que se encontram em situação de altíssimo risco de se tornarem vítimas da violência na família, e busca fortalecer a própria comunidade de forma que ela mesma possa identificar e cuidar dessas crianças adequadamente.

8. Baixas taxas de evasão

Devido ao fato de que nossos serviços são de fácil acesso, intensivos e customizados, nossos programas apresentam baixas taxas de evasão. Esse é um resultado surpreendentemente notável, já que trabalhamos com as crianças que normalmente abandonam tanto os programas públicos quanto os que são oferecidos por organizações não governamentais. No caso dessas crianças mais severamente excluídas, antes de acreditar que elas é que falharam por serem incapazes de se beneficiar da prestação de um determinado serviço, nós acreditamos que nós é que falhamos por não oferecer soluções adequadas para cada criança e cada família.

9. Monitoramento regular dos resultados

Nós monitoramos regularmente o progresso de pais e de cada filho através de instrumentos quantitativos e qualitativos, para avaliar os progressos de acordo com os objetivos de mudança estabelecidos nos critérios de graduação.

O monitoramento se faz em dois níveis:

1. Comportamento específico e resultados de vida, tais como frequência e aproveitamento na escola; redução do trabalho infantil, e diminuição das inte-

rações violentas no âmbito familiar.

2. Mudanças profundas nos indivíduos e nas famílias, que contribuem positivamente para comportamentos e resultados de vida construtivos, que permanecerão para além do projeto, tais como: estabilidade emocional, relacionamento com colegas, consciência e habilidade para expressar sentimentos e boa vontade para aceitar ajuda.

10. Equipe consistente

Para prestar serviços com um propósito terapêutico, deve haver uma relação crescente de confiança no nível individual entre o educador e a criança/pai/mãe. Isso exige uma equipe consistente, o que, por sua vez, demanda mecanismos de suporte e investimentos constantes em treinamento e desenvolvimento. No geral nossos educadores sociais não passaram por treinamento profissional significativo e específico antes de trabalharem em nossas organizações.

No entanto, eles contam com formação continuada no posto de trabalho e supervisão de um membro sênior da equipe, o que é vital para a busca de soluções criativas para problemas aparentemente insolúveis, da mesma forma que é um guardião contra situações desgastantes que levam a equipe ao estado de estafa. A prestação de serviços personalizados onde se utilizam métodos terapêuticos também requer uma equipe de número suficientemente grande de educadores por criança/família.

Características dos educadores sociais UTILIZANDO A ESTRATÉGIA DO SFSC



Daniela Plaza



Gerrie Smith



Jonathan Degenhardt



A prestação de serviços com base nessa estratégia não requer uma equipe com formação acadêmica. A experiência dos membros da SFSC é a de uma equipe para-profissional, selecionada pela sua habilidade em criar vínculos com as pessoas e apoiada por supervisores treinados, que fornecem orientação e formação no posto de trabalho, o que pode ser altamente eficaz no planejamento, desenho e prestação de atividades com finalidade terapêutica. Nós consideramos as seguintes características como importantes para o pessoal de campo, sendo essas relacionadas à capacidade de criar vínculos próximos e construir um relacionamento confiável.

Empatia

Mostre que você entende e se dá conta do que os pais ou o filho estão sentindo ou vivenciando.

Autenticidade

Não diga nada que você não sente. Você precisa ser verdadeiro ao identificar pontos fortes numa família e trabalhar sobre eles, mesmo quando os desafios parecem ser intransponíveis.

Respeito

Você deve respeitar a realidade da família e dar-se conta dos desafios de seu contexto, reconhecendo e testemunhando as experiências pelas quais estão passando, sem incitar culpa.

Paciência e perseverança

O processo pode ser lento, difícil e circular. Você deve construir esperança com pais e filhos e deve acreditar que a mudança é possível.

Flexibilidade

Aceite a natureza imprevisível de trabalhar com a dinâmica familiar complexa.

Autoconsciência

Fique atento a tudo o que você faz para pais ou filhos e distinga quando o seu pensamento é devido mais às suas próprias necessidades do que às deles.

Mente aberta

Não julgue uma família, mas esteja disposto a escutar a voz de cada um de seus membros, e esteja aberto a novos caminhos de trabalho.

Capacidade e boa vontade para aprender

Questione-se permanentemente a si mesmo e a respeito de sua compreensão sobre a família e aceite o fato de que você nem sempre tem as respostas.

Habilidade de conter emoções

Contenha-se da dor pela qual um indivíduo está passando e resista ao desejo de constantemente “consertar” alguém. O desejo de consertar surge da necessidade de se livrar da dor e do desconforto que as emoções causam aos outros e a você, mas a tarefa é conter essas emoções até que pais e filhos sejam capazes de lidar com elas.

Habilidade de se afastar

Você não é a pessoa mais importante do processo; você é um catalisador. Você está com uma família só por um curto período na sua vida e deve trabalhar para tornar-se desnecessário no processo.

Humildade

Você não pode conhecer tudo. Você deve aprender com os próprios membros da família a respeito da realidade em que vivem e dos mecanismos que desenvolveram para enfrentá-la. Você deve ser capaz de pedir ajuda quando está lutando para encontrar uma solução.

Ações recomendadas

PARA APOIAR ESTE TRABALHO



Florian Kopp

Poder público local e nacional

Os governos nacionais têm uma obrigação em relação à Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança no sentido de:

1. Proteger as crianças contra a violência doméstica (art. 19)
2. Ajudar as famílias a criar um ambiente doméstico saudável para seus filhos (preâmbulo, art. 18).
3. Fornecer tratamento e ajuda adequados para crianças e famílias para as quais a prevenção tenha falhado (art. 19), incluindo recuperação física e psicológica e reintegração social (art. 39).

Os governos nacionais têm frequentemente falhado em atender essas exigências legais para a população infantil descrita neste livreto. Ações prioritárias por parte de governos nacionais e locais incluem:

- Integrar um propósito terapêutico a programas e serviços destinados a crianças extremamente vulneráveis.
- Investir no desenvolvimento da equipe que presta serviços no âmbito da comunidade e tem contato com crianças em situação de alta vulnerabilidade social (serviços de educação, trabalho social, cuidados de saúde e sistema de justiça criminal), de forma a garantir que seus membros sejam capazes de entender o significado e as causas potenciais do comportamento disfuncional entre as crianças e de integrar essa compreensão nas suas respostas.
- Investir em níveis apropriados de equipes no âmbito dos serviços destinados às crianças mais marginalizadas, para garantir um atendimento mais personalizado.
- Mudar o paradigma, passando do entendimento de que o envolvimento em situações de rua e na criminalidade seja o “problema” a ser resolvido para o entendimento de que se trata, antes, de comportamento sintomático, do qual se devem buscar soluções às causas profundas deste comportamento.
- Investir em programas de ajuda de longo prazo às crianças mais marginalizadas, mais do que somente oferecer medidas concretas que atendem as necessidades físicas de uma criança (abrigo, alimentação, saúde física). É vital resistir às pressões políticas para ser visto como “fazendo alguma coisa”. É vital investir

em abordagens que atacam as causas profundas do comportamento das crianças e as ajudam a livrar-se do legado destrutivo da violência familiar.

- Garantir coordenação e colaboração entre as partes interessadas da comunidade que têm contato com as crianças em situação de alta vulnerabilidade social, de modo a promover uma identificação precoce das crianças em situação de risco pela violência no lar e garantir que essas crianças sejam efetivamente amparadas pelo sistema de garantia de direitos.

Doadores (públicos e privados)

Muitas das recomendações acima se aplicam também às agências doadoras que prestam serviços para crianças em situação de vulnerabilidade social em países em desenvolvimento. Doadores podem promover e facilitar um trabalho como o descrito neste livreto da seguinte forma:

- Nos programas de direitos da criança e de proteção às crianças, incluir reserva de recursos específicos para o trabalho com a violência no lar.
- Fornecer ajuda de longo prazo (no mínimo por três anos) para programas de proteção e direitos da criança, reconhecendo, assim, a complexidade de promover mudança positiva efetiva para as crianças mais marginalizadas, permitindo um acompanhamento de longo prazo da consolidação dos resultados alcançados.
- Ajudar programas de trabalho que busquem pesquisar, desenhar, monitorar e testar estratégias efetivas para atender as necessidades de crianças em situação de maior vulnerabilidade social oriundas de famílias violentas em países em desenvolvimento.
- Integrar indicadores específicos em suas métricas de monitoramento e avaliação que considerem e monitorem a incidência de violência no lar e de bem-estar emocional nas crianças que pertencem aos projetos que financiam.
- Onde for relevante, pressionar os governos nacionais a cumprir as obrigações legais para proteger todas as crianças da violência no lar.

Ações recomendadas

PARA APOIAR ESTE TRABALHO



Agências das Nações Unidas

As agências das Nações Unidas, especialmente o Escritório do RESG (Representante Especial do Secretário Geral) para a Violência contra Crianças e a UNICEF, poderiam apoiar este trabalho da seguinte forma:

- Assegurando a inclusão do tema “proteção infantil” no marco pós “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)”.
- Enfatizar o tema das crianças altamente marginalizadas, oriundas de famílias violentas junto às políticas públicas.
- Promovendo o compartilhamento do conhecimento entre organizações da sociedade civil, governos e academia sobre as práticas mais eficazes de trabalho com crianças altamente marginalizadas, oriundas de famílias violentas.
- Promovendo os princípios-chave deste material na política e nas discussões práticas em torno das Orientações das Nações Unidas para Cuidados Alternativos de Crianças, devido à sua especial relevância para manter as crianças sob o cuidado de suas famílias e garantir que as famílias percebam o seu papel de cuidadoras.
- Comissionando, realizando e/ou contribuindo para a pesquisa, em países em desenvolvimento, das estratégias mais efetivas para o atingimento de mudanças positivas sustentáveis para as crianças altamente marginalizadas, oriundas de famílias violentas.
- Monitorando o desempenho de governos em relação às suas responsabilidades legais para com a Convenção dos Direitos da Criança das Nações Unidas no campo da violência doméstica.

Organizações da Sociedade Civil

As organizações da sociedade civil, espalhadas pelo mundo, que trabalham com crianças extremamente vulneráveis poderiam realizar as seguintes ações:

- Priorizar especificamente as crianças mais difíceis de alcançar.
- Considerar a inclusão de uma intencionalidade terapêutica em todos os serviços destinados às crianças mais marginalizadas.
- Envolver-se em um diálogo aberto com os doadores a respeito da complexidade de se alcançar as crianças mais marginalizadas e apoiar as recomendações do SFSC para doadores e governos como descrito acima.
- Desenvolver estratégias para retenção de talentos e apoio a sua equipe, incluindo treinamento adequado, acompanhamento e supervisão, e investir especificamente na sua capacitação, de modo a assegurar que ela seja capaz de entender o significado e as causas potenciais do comportamento disfuncional entre as crianças, e que possa integrar esse conhecimento nas suas respostas.

Academia

O setor acadêmico poderia apoiar este trabalho da seguinte forma:

- Desenvolvendo um corpo de conhecimento e aprendizagem sobre crianças vivendo em famílias violentas em países em desenvolvimento, que poderá fornecer mais evidências sobre a incidência e a natureza da violência no lar e aprofundará o conhecimento sobre o impacto

no desenvolvimento infantil e nos resultados de vida.

- Promover o acesso dos países em desenvolvimento à pesquisa baseada em evidências sobre as boas práticas no campo do trabalho com a violência no lar, o que até hoje tem sido amplamente conduzido nos países desenvolvidos.
- Desenvolver pesquisa, principalmente nos países em desenvolvimento, sobre as estratégias mais eficazes para a mudança consolidada de crianças altamente marginalizadas, oriundas de famílias violentas.

Mídia

A mídia pode apoiar este trabalho da seguinte forma:

- Cumprindo seu papel fiscalizador e cobrando dos governos suas responsabilidades legais em relação à Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Crianças para proteger todas as crianças contra a violência no lar e de proporcionar atendimento apropriado para crianças e famílias quando a prevenção tenha falhado.
- Assegurando reportagens mais informativas, e menos demonizadoras, sobre questões enfrentadas pelas crianças em situação de vulnerabilidade oriundas de famílias violentas.
- Promover a compreensão pública sobre o sentido dos comportamentos disfuncionais e da importância de investir em soluções efetivas para as crianças mais marginalizadas.

Contatos e Referências

“

Trabalhar com as famílias pode impedir muitas crianças de construir seus próprios ‘refúgios psicológicos’ de solidão e dor, onde elas gritam por vínculos significativos.

”

Professor Gerrie Smit, New Life Community Projects, South Africa





Contato



Gerrie Smit

SFSC Resource Centre

www.juconicomparte.org

ACER Brasil, Brasil

www.acerbrasil.org.br

Contato: jonathan@acerbrasil.org.br

+55 (11) 4049 1888

Gurises Unidos, Uruguai

www.gurisesunidos.org.uy

Contato: solmariela@gmail.com

gurises@gurisesunidos.org.uy

+598 (24)00 3081 / (24)08 8572 / (24)09 6828

JUCONI Equador

www.juconi.org.ec

Contato: sreyes@juconi.org.ec

+593 (4) 500 6888 / 237 8534

JUCONI México

www.juconi.org.mx

Contato: alison@juconi.org.mx

+ 52 (222) 240 8178

**Maltepe University Research and Application
Centre for Street Children, Turquia**

<http://soyacnew.maltepe.edu.tr/>

Contato: soyachildren@gmail.com

+90 (544) 559 8355

New Life Community Projects, África do Sul

www.newlifeprojects.co.za

Contato: g.smit@vodamail.co.za

**Railway Children, trabalha no Reino Unido, Índia,
Quênia e Tanzânia**

www.railwaychildren.org.uk

Contato: enquiries@railwaychildren.org.uk

+44 (0) 1270 757596

Retrak, trabalha em Uganda, Etiópia e Quênia

www.retrak.org

Contato: mailbox@retrak.org

+44 (0)161 4865104

**CEINP - Centro de Estudos e Investigação em
Neuropsicanálise, Brasil**

www.ceinp.org

Contato: soussumi@terra.com.br

+55 (11) 3078 8902

**The International Children's Trust, trabalha no
Equador, Índia, México, Filipinas, África do Sul e
Sri Lanka**

www.theict.org

Contato: amber@ictinfo.org.uk

+44 1733 319 777



Jonathan Degenhardt

Capítulo 1: Contexto

- ¹ Karp, C. L. & Butler (1996) Treatment Strategies for Abused Children California: Sage Publications
- ² Bowlby, J. (1951). Maternal care and mental health. World Health Organization Monograph (Serial No. 2)
- ³ Ver Preventing Child Maltreatment: A Guide to Taking Action and Generating Evidence, WHO e ISPCAN, 2006; http://whqlibdoc.who.int/publications/2006/9241594365_eng.pdf
- ⁴ Save the Children UK: Keeping Children Out of Harmful Institutions: Why we should be investing in family-based care, 2000, http://www.savethechildren.org.uk/en/docs/Keeping_Children_Out_of_Harmful_Institutions_Final_20.11.09.pdf
- ⁵ www.acestudy.org; <http://www.sanctuaryweb.com/adversity-allostatic.php>
- ⁶ Trabalho resumido de um projeto de investigação: Psychosocial assistance to children in difficult circumstances in West Africa, Preparado por Alice Behrendt para AIDS Conference, Mexico City 2008, Dakar, Junho 2008, http://www.peacewomen.org/assets/file/Resources/Academic/Health_PsychosocialChildrenWestAfrica_Behrendt_2008.pdf
- ⁷ Children and Violence, Innocenti Digest 2, <http://www.unicef-irc.org/publications/pdf/digest2e.pdf>
- ⁸ Preventing Child Maltreatment: A Guide to Taking Action and Generating Evidence, WHO e ISPCAN 2006, http://whqlibdoc.who.int/publications/2006/9241594365_eng.pdf
- ⁹ Para maiores informações sobre a pesquisa ACE: <http://www.acestudy.org/>

Capítulo 2: Marco

- ¹⁰ Referencias e bibliografía que apoiam a secção Princípios Teóricos:
- Archer, C & Burnell, A. (Eds) (2003) Trauma, Attachment and Family Permanence. London: Jessica Kingsley Publishers
 - Bloom, S.L. (Ed) (2001) Violence: A Public Health Menace and a Public Health Approach. London: Karnac Books
 - Sandra Bloom website: <http://www.sanctuaryweb.com/>
 - Bomber, M. L. (2007) Inside I'm Hurting, Practical Strategies for Supporting Children with Attachment Difficulties in Schools. London: Worth Publishing
 - Bowlby, J (1969) Attachment (Volume I of Attachment and Loss). London: Hogarth Press
 - Bowlby, J (1973) Separation: Anxiety and Anger (Volume II of Attachment and Loss). London: Hogarth Press
 - Bowlby, J (1979) The Making and Breaking of Affectional Bonds. London: Tavistock Publications
 - Bowlby J. (1980) Loss: Sadness and Depression (Volume III of Attachment and Loss). London: Hogarth Press
 - Bowlby J. (1988) A Secure Base, Clinical Applications of Attachment Theory. London: Routledge
 - Cassidy, J. & Shaver, P.R. (Eds) (2008) Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications London: The Guilford Press
 - de Zulueta, F. (1993) From Pain to Violence, the Traumatic Roots of Destructiveness London: Whurr
 - Erdman, P. & Caffrey, T (Eds) (2003) Attachment and Family Systems New York: Brunner-Routledge
 - Geddes, H. (2003) Attachment in the Classroom: The links between children's early experience, emotional well-being and performance in school. London: Worth Publishing.
 - Gil, E (1994) Play in Family Therapy. New York: The Guilford Press
 - Gil E. (2006) Helping Abused and Traumatized Children, Integrating directive and nondirective approaches. New York: The Guilford Press
 - Gil, E.: <http://www.elianagil.com/>
 - Holmes, J. (2001) The Search for the Secure Base, Attachment Theory and Psychotherapy London: Brunner-Routledge
 - Hughes, D.A. (1998) Building the Bonds of Attachment, awakening love in deeply troubled children. Northvale, NJ: Jason Aronson
 - Roberts, J. (1994). Tales and transformations: Stories in families and family therapy. New York: W.W. Norton.
 - Karen, R. (1998) Becoming Attached, First relationships and how they shape our capacity to love. Oxford University Press
 - Lindblad-Goldberg M, Morrison Dore M, Stern L. (1998) Creating Competence from Chaos, A comprehensive guide to home-based services New York: W.W. Norton & Company
 - Perry, A. (Ed) (2009) Teenagers and Attachment, Helping Adolescents Engage with Life and Learning. London: Worth Publishing
 - Saltzberger-Wittenberg, I., Henry, G. & Osborne, E. (1983) The Emotional Experience of Learning and Teaching London: Routledge Kegan Paul Ltd
 - Williams, G. (1997) Internal Landscapes and Foreign Bodies. London: Duckworth & Co. Ltd
 - ¹¹ Levy, Terry M and Orlans, Michael (2000), Handbook of Attachment Interventions, Attachment Disorder as an Antecedent to Violence and Antisocial Patterns in Children
 - ¹² Early Childhood in Focus 1, Attachment Relationships: Quality of Care for Young Children, 2007 The Open University, Editor: John Oates. Prólogo: Howard Steele & Miriam Steele, Co-Diretores, Center for Attachment Research, Psychology Department, New School for Social Research, New York, NY, 10003 http://www.bernardvanleer.org/publication_store/publication_store_publications/attachment_relationships_quality_of_care_for_young_children/file .
 - ¹³ Intervenções seleccionadas são definidos como “Abordagens sobre esses grupos ou pessoas que estão em alto risco de sofrer violência (com um ou mais fatores risco de violência)” Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, OMS 2002, http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9241545615_chap1_eng.pdf
 - ¹⁴ Intervenções são definidos como indicado “Abordagens que visam aqueles que já demonstraram comportamento violento “ Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, OMS 2002
 - ¹⁵ A influência do ambiente no início do desenvolvimento de neuroses e personalidade neurótica. International Journal of Psycho-Analysis, XXI, 1-25
 - ¹⁶ <http://www.sdqinfo.org/>



Esta publicação foi produzida com o apoio da União Europeia. Os conteúdos veiculados são de responsabilidade exclusiva do SFSC e não refletem necessariamente a posição da União Europeia.



“ Se uma sociedade valoriza as
suas crianças, ela deve cuidar
dos seus pais. ”

J. Bowlby